



BEM-VINDO AO CASA MORTA

Arrepios - 01

RL Stine

(Uma verificação de mortos-vivos v1.5)

1

Josh e eu odiamos nossa nova casa.

Claro, era grande. Parecia uma mansão comparada à nossa antiga casa. Era uma casa alta de tijolos vermelhos com telhado preto inclinado e fileiras de janelas emolduradas por venezianas pretas.

Está tão escuro, pensei, observando-o da rua. A casa inteira estava coberta de escuridão, como se estivesse escondida nas sombras das árvores velhas e retorcidas que se curvavam sobre ela.

Era meados de julho, mas folhas marrons e mortas cobriam o jardim da frente. Nosso os tênis faziam barulho sobre eles enquanto caminhávamos pela entrada de cascalho.

Ervas daninhas altas apareciam por toda parte através das folhas mortas. Grossos aglomerados de ervas daninhas havia coberto completamente um velho canteiro de flores ao lado da varanda da frente.

Esta casa é assustadora, pensei, infeliz.

Josh devia estar pensando a mesma coisa. Olhando para a velha casa, nós dois gememos alto.

O Sr. Dawes, o jovem simpático da imobiliária local, parou perto da calçada da frente e se virou.

"Tudo certo?" ele perguntou, olhando primeiro para Josh, depois para mim, com seus olhos azuis enrugados.

"Josh e Amanda não estão felizes com a mudança", explicou papai, enfiando a barra da camisa para dentro. Papai está um pouco acima do peso e suas camisas sempre parecem estar saindo da calça.

"É difícil para as crianças", acrescentou minha mãe, sorrindo para o Sr. Dawes, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans enquanto continuava até a porta da frente. "Você sabe. Deixando todos os seus amigos para trás. Mudando para um lugar novo e estranho."

"Estranho, certo", disse Josh, balançando a cabeça. "Esta casa é nojenta."

O Sr. Dawes riu. "É uma casa antiga, isso é certo", disse ele, dando um tapinha no ombro de Josh.

"Só precisa de um pouco de trabalho, Josh", disse papai, sorrindo para o Sr. "Ninguém mora lá há algum tempo, então vai precisar de alguns consertos."

"Olha como é grande", acrescentou mamãe, alisando o cabelo preto e liso e sorrindo para Josh.

"Teremos espaço para um escritório e talvez uma sala de recreação também. Você gostaria disso, não é, Amanda?"

Dei de ombros. Uma brisa fria me fez estremecer. Na verdade, era um lindo e quente dia de verão. Mas quanto mais nos aproximávamos da casa, mais frio eu sentia.

Imaginei que fosse por causa de todas as árvores altas e velhas.

Eu estava vestindo shorts de tênis branco e uma camiseta azul sem mangas. Estava quente em o carro. Mas agora eu estava congelando. Talvez esteja mais quente dentro de casa, pensei.

"Quantos anos eles tem?" Sr. Dawes perguntou a mamãe, saindo para a varanda da frente.

“Amanda tem doze anos”, respondeu mamãe. “E Josh fez onze anos no mês passado.”

“Eles são muito parecidos”, disse o Sr. Dawes à mãe.

Eu não conseguia decidir se isso era um elogio ou não. Eu acho que é verdade. Josh e eu somos altos e magros, temos cabelos castanhos cacheados como os do meu pai e olhos castanhos escuros. Todo mundo diz que temos rostos “sérios”.

“Eu realmente quero ir para casa”, disse Josh, com a voz embargada. “Eu odeio este lugar.”

Meu irmão é o garoto mais impaciente do mundo. E quando ele se decide sobre alguma coisa, é isso. Ele é um pouco mimado. Pelo menos, acho que sim. Sempre que ele faz barulho sobre alguma coisa, geralmente consegue o que quer.

Podemos ser parecidos, mas na verdade não somos tão parecidos. Sou muito mais paciente do que Josh é. Muito mais sensato. Provavelmente porque sou mais velha e porque sou uma menina.

Josh segurou a mão do pai e tentou puxá-lo de volta para o carro. “Vamos. Vamos, pai. Vamos.”

Eu sabia que esse seria um momento em que Josh não conseguiria o que queria. Estávamos nos mudando para esta casa. Nenhuma dúvida sobre isso. Afinal, a casa era totalmente gratuita. Um tio-avô de papai, um homem que nem conhecíamos, morreu e deixou a casa para papai em testamento.

Nunca esquecerei a expressão no rosto do meu pai quando recebeu a carta do advogado. Ele soltou um grito alto e começou a dançar pela sala. Josh e eu pensamos que ele tinha pirado ou algo assim.

“Meu tio-avô Charles nos deixou uma casa em testamento”, explicou papai, lendo e relendo a carta. “Fica em uma cidade chamada Dark Falls.”

“Huh?” Josh e eu choramos. “Onde fica Dark Falls?”

Papai encolheu os ombros.

“Não me lembro do seu tio Charles”, disse mamãe, indo atrás de papai para ler a carta por cima do ombro.

“Nem eu”, admitiu papai. “Mas ele deve ter sido um cara legal! Uau! Parece uma casa incrível!” Ele agarrou as mãos de mamãe e começou a dançar alegremente com ela pela sala.

Papai com certeza estava animado. Ele estava procurando uma desculpa para largar seu chato trabalho de escritório e dedicar todo o seu tempo à carreira de escritor. Esta casa—absolutamente grátis—seria exatamente a desculpa que ele precisava.

E agora, uma semana depois, aqui estávamos nós em Dark Falls, a quatro horas de carro de nossa casa, vendo nossa nova casa pela primeira vez. Ainda nem tínhamos entrado e Josh estava tentando arrastar papai de volta para o carro.

“Josh, pare de me puxar,” papai retrucou impacientemente, tentando tirar a mão do aperto de Josh.

Papai olhou impotente para o Sr. Dawes. Pude ver que ele estava envergonhado por como Josh estava agindo. Decidi que talvez pudesse ajudar.

“Solte, Josh,” eu disse baixinho, agarrando Josh pelo ombro. “Prometemos que iríamos dê uma chance a Dark Falls, lembra?”

“Eu já dei uma chance,” Josh choramingou, sem soltar a mão do pai. “Esse a casa é velha e feia e eu odeio isso.”

“Você nem entrou”, disse papai com raiva.

“Sim. Vamos entrar — insisti o Sr. Dawes, olhando para Josh.

“Vou ficar lá fora”, insisti Josh.

Ele pode ser muito teimoso às vezes. Eu me senti tão infeliz quanto Josh olhando para aquela casa velha e escura. Mas eu nunca continuaria como Josh.

“Josh, você não quer escolher seu próprio quarto?” Mamãe perguntou.

“Não,” Josh murmurou.

Ele e eu olhamos para o segundo andar. Havia duas grandes janelas salientes lado a lado lá em cima. Eles pareciam dois olhos escuros olhando para nós.

“Há quanto tempo você mora na sua casa atual?” — perguntou o Sr. Dawes ao papai.

Papai teve que pensar por um segundo. “Cerca de quatorze anos”, ele respondeu. “As crianças viveram lá por toda a vida.”

“Mudar-se é sempre difícil”, disse o Sr. Dawes com simpatia, voltando seu olhar para mim.

“Sabe, Amanda, me mudei para Dark Falls há apenas alguns meses. Também não gostei muito, no início. Mas agora eu não moraria em nenhum outro lugar.” Ele piscou para mim. Ele tinha uma covinha fofo no queixo quando sorria. “Vamos entrar. É realmente muito bom. Você ficará surpreso.

Todos nós seguimos o Sr. Dawes, exceto Josh. “Há outras crianças neste quarto?”

Josh exigiu. Ele fez com que parecesse mais um desafio do que uma pergunta.

O Sr. Dawes assentiu. “A escola fica a apenas dois quarteirões de distância”, disse ele, apontando para o rua.

“Ver?” Mamãe interrompeu rapidamente. “Uma curta caminhada até a escola. Chega de longas viagens de ônibus todas as manhãs.”

“Gostei do ônibus”, insistiu Josh.

Ele estava decidido. Ele não daria uma folga aos meus pais, embora nós dois prometemos ter a mente aberta em relação a essa mudança.

Não sei o que Josh achava que tinha a ganhar sendo tão chato. Quero dizer, papai já tinha muito com o que se preocupar. Por um lado, ele ainda não tinha conseguido vender a nossa antiga casa.

Não gostei da ideia de me mudar. Mas eu sabia que herdar aquela casa grande seria uma grande oportunidade para nós. Estávamos tão apertados em nossa casinha.

E assim que papai conseguisse vender a casa antiga, não teríamos mais que nos preocupar com dinheiro.

Josh deveria pelo menos dar uma chance. Isso foi o que eu pensei.

De repente, do nosso carro, ao pé da entrada, ouvimos Petey latindo e uivando e fazendo barulho.

Petey é nosso cachorro, um terrier branco de pêlo encaracolado, fofo como um botão e geralmente bem comportado. Ele nunca se importou de ser deixado no carro. Mas agora ele estava uivando e latindo no volume máximo e arranhando a janela do carro, desesperado para sair.

“Petey, quieto! Quietos!” Eu gritei. Petey geralmente me ouvia.

Mas não desta vez.

“Vou deixá-lo sair!” Josh declarou, e saiu pela estrada em direção ao carro.

“Não. Espere... — papai chamou.

Mas não acho que Josh pudesse ouvi-lo apesar dos lamentos de Petey.

“É melhor deixar o cachorro explorar”, disse Dawes. “Vai ser a casa dele também.”

Alguns segundos depois, Petey veio correndo pelo gramado, levantando folhas marrons e latindo de entusiasmo enquanto corria em nossa direção. Ele pulou em cima de todos nós como se não nos visse há semanas e então, para nossa surpresa, começou a rosnar ameaçadoramente e a latir para o Sr. Dawes.

“Petey, pare!” Mamãe gritou.

“Ele nunca fez isso,” papai disse se desculpando. “Realmente. Ele geralmente é muito amigável.

“Ele provavelmente sente algum cheiro em mim. Outro cachorro, talvez”, disse o Sr. Dawes, afrouxando a gravata listrada e olhando com cautela para nosso cachorro rosnando.

Finalmente, Josh agarrou Petey pelo meio e o afastou do Sr. Dawes. “Pare com isso, Petey,” Josh repreendeu, segurando o cachorro perto de seu rosto para que eles ficassem nariz com nariz. “Senhor. Dawes é nosso amigo.

Petey choramingou e lambeu o rosto de Josh. Depois de um tempo, Josh o colocou de volta no chão. Petey olhou para o Sr. Dawes, depois para mim, e então decidi ir farejar o quintal, deixando o nariz mostrar o caminho.

“Vamos entrar”, insistiu o Sr. Dawes, passando a mão pelos cabelos loiros e curtos. Ele destrancou a porta da frente e a abriu.

O Sr. Dawes segurou a porta de tela aberta para nós. Comecei a seguir meus pais a casa.

“Vou ficar aqui com Petey”, Josh insistiu durante a caminhada.

Papai começou a protestar, mas mudou de ideia. “OK. Tudo bem”, disse ele, suspirando e balançando a cabeça. “Eu não vou discutir com você. Não entre. Você pode *morar* fora, se quiser. Ele parecia realmente exasperado.

“Quero ficar com Petey”, disse Josh novamente, observando Petey abrir caminho pelo canteiro de flores mortas.

O Sr. Dawes nos seguiu até o corredor, fechando suavemente a porta de tela atrás de nós. ele, dando a Josh uma última olhada. “Ele vai ficar bem”, ele disse suavemente, sorrindo para mamãe.

“Ele pode ser tão teimoso às vezes”, disse mamãe se desculpando. Ela espiou a sala de estar. “Sinto muito pelo Petey. Não sei o que deu naquele cachorro.

“Sem problemas. Vamos começar pela sala de estar”, disse o Sr. Dawes, liderando o caminho. “Acho que você ficará agradavelmente surpreso com o quão espaçoso é. Claro, precisa de trabalho.

Ele nos levou para conhecer todos os cômodos da casa. Eu estava começando a ficar animado. A casa era realmente bem arrumada. Havia tantos quartos e tantos armários. E meu quarto era enorme e tinha seu próprio banheiro e um assento antiquado na janela onde eu podia sentar à janela e olhar para a rua.

Desejei que Josh tivesse entrado conosco. Se ele pudesse ver o quão grande era a casa por dentro, eu sabia que ele começaria a se animar.

Eu não conseguia acreditar quantos quartos havia. Até mesmo um sótão acabado e cheio de móveis antigos e pilhas de caixas antigas e misteriosas que poderíamos explorar.

Devíamos estar lá dentro há pelo menos meia hora. Eu realmente não acompanhei A Hora. Acho que nós três estávamos nos sentindo animados.

“Bem, acho que lhe mostrei tudo”, disse o Sr. Dawes, olhando para seu assistir. Ele liderou o caminho até a porta da frente.

“Espere, quero dar mais uma olhada no meu quarto”, eu disse a eles com entusiasmo. Comecei a subir as escadas, subindo duas escadas de cada vez. “Vou descer em um segundo.”

“Depressa, querido. Tenho certeza de que o Sr. Dawes tem outros compromissos”, mamãe gritou atrás de mim.

Cheguei ao patamar do segundo andar e corri pelo corredor estreito até meu novo quarto.

"Uau!" Eu disse em voz alta, e a palavra ecoou fracamente nas paredes vazias.

Era tão grande. E adorei a janela saliente com assento na janela. Fui até lá e espiei. Por entre as árvores, pude ver nosso carro parado na garagem e, além dele, uma casa que se parecia muito com a nossa, do outro lado da rua.

Vou encostar minha cama naquela parede em frente à janela, pensei
Felizmente. E minha mesa pode ficar ali. Terei espaço para um computador agora!

Dei mais uma olhada no meu armário, um closet comprido com luz no teto e prateleiras largas encostadas na parede do fundo.

Eu estava indo para a porta pensando em qual dos meus pôsteres eu queria trazer comigo, quando vi o menino.

Ele ficou na porta por apenas um segundo. E então ele se virou e desapareceu no corredor.

“Josh?” Chorei. “Ei, venha ver!”

Com um choque, percebi que não era Josh.

Por um lado, o menino tinha cabelos loiros.

"Ei!" Liguei e corri para o corredor, parando do lado de fora da porta do meu quarto, olhando para os dois lados. "Quem está aqui?"

Mas o longo corredor estava vazio. Todas as portas estavam fechadas.

“Uau, Amanda,” eu disse em voz alta.

Eu estava vendo coisas?

Mamãe e papai estavam ligando lá de baixo. Eu dei uma última olhada no escuro corredor, depois correu para se juntar a eles.

"Ei, Sr. Dawes", gritei enquanto descia as escadas correndo, "esta casa é mal-assombrada?"

Ele riu. A pergunta pareceu-lhe engraçada. "Não. Desculpe", disse ele, olhando para mim com aqueles olhos azuis enrugados. “Nenhum fantasma incluído. Dizem que muitas casas antigas por aqui são mal-assombradas. Mas temo que este não seja um deles.”

“Eu... eu pensei ter visto alguma coisa”, eu disse, sentindo-me um pouco tola.

“Provavelmente apenas sombras”, disse mamãe. “Com todas as árvores, esta casa está tão escura.”

“Por que você não corre lá fora e conta a Josh sobre a casa?” Papai sugeriu, enfiando a frente da camisa. "Sua mãe e eu temos algumas coisas para conversar com o Sr. Dawes."

“Sim, mestre”, eu disse com uma pequena reverência, e obedientemente corri para contar a Josh tudo o que ele havia perdido. “Ei, Josh”, chamei, procurando ansiosamente no quintal. “Josh?”

Meu coração afundou.

Josh e Petey tinham ido embora.

2

“José! Josué!”

Primeiro liguei para Josh. Então liguei para Petey. Mas não havia sinal de nenhum deles.

Corri até o final da entrada e espiei dentro do carro, mas eles não estavam lá. Mamãe e papai ainda estavam lá dentro conversando com o Sr. Dawes. Olhei para a rua em ambas as direções, mas não havia sinal deles.

“José! Ei, Josh!”

Finalmente, mamãe e papai saíram correndo pela porta da frente, parecendo alarmados. Acho que eles ouviram meus gritos. “Não consigo encontrar Josh ou Petey!” Eu gritei para eles do rua.

“Talvez eles estejam por aí”, papai gritou para mim.

Subi a entrada da garagem, chutando as folhas mortas enquanto corria. Estava ensolarado lá fora, mas assim que entrei em nosso quintal, estava de volta à sombra e imediatamente esfriou novamente.

“Ei, Josh! Josh, onde você está?”

Por que me senti tão assustado? Foi perfeitamente natural que Josh se afastasse. Ele fazia isso o tempo todo.

Corri a toda velocidade pela lateral da casa. Árvores altas debruçavam-se sobre a casa deste lado, bloqueando quase toda a luz solar.

O quintal era maior do que eu esperava, um longo retângulo que descia gradualmente até uma cerca de madeira nos fundos. Assim como a frente, este quintal era uma massa de ervas daninhas altas, aparecendo através de uma espessa cobertura de folhas marrons. Uma banheira de pedra para pássaros tombou de lado. Além dela, pude ver a lateral da garagem, um prédio escuro de tijolos que combinava com a casa.

“Ei, Josh!”

Ele não estava aqui. Parei e procurei no chão por pegadas ou algum sinal que ele havia corrido pelas folhas grossas.

“Bem?” Sem fôlego, papai veio correndo até mim.

“Nenhum sinal dele”, eu disse, surpresa com o quão preocupada estava.

“Você checkou o carro?” Ele parecia mais irritado do que preocupado.

“Sim. Foi o primeiro lugar que procurei.” Fiz uma última busca rápida no quintal. “EU não acredito que Josh simplesmente iria embora.

“Eu quero”, disse papai, revirando os olhos. “Você conhece seu irmão quando ele não consegue o jeito dele. Talvez ele queira que pensemos que ele fugiu de casa.” Ele franziu a testa.

“Onde ele está?” Mamãe perguntou quando voltamos para a frente da casa.

Papai e eu encolhemos os ombros. “Talvez ele tenha feito um amigo e tenha ido embora”, disse papai. Ele levantou a mão e coçou o cabelo castanho encaracolado. Eu poderia dizer que ele estava começando a se preocupar também.

“Precisamos *encontrá-lo*”, disse mamãe, olhando para a rua. “Ele não conhece esse bairro. Ele provavelmente se afastou e se perdeu.

O Sr. Dawes trancou a porta da frente e desceu da varanda, guardando as chaves no bolso. “Ele não pode ter ido longe”, disse ele, dando um sorriso tranquilizador para mamãe. “Vamos dar uma volta no quarteirão. Tenho certeza de que o encontraremos.”

Mamãe balançou a cabeça e olhou nervosamente para papai. “Eu vou matá-lo,” ela murmurou. Papai deu um tapinha no ombro dela.

O Sr. Dawes abriu o porta-malas do pequeno Honda, tirou o blazer escuro e jogou-o dentro. Então ele tirou um chapéu de cowboy preto de abas largas e colocou-o na cabeça.

“Ei, que chapéu e tanto”, disse papai, sentando-se no banco do passageiro da frente.

“Mantém o sol longe”, disse Dawes, sentando-se ao volante e batendo a porta do carro.

Mamãe e eu voltamos. Olhando para ela, vi que mamãe estava tão preocupada quanto eu era.

Descemos o quarteirão em silêncio, nós quatro olhando pelas janelas do carro. As casas pelas quais passamos pareciam velhas. A maioria deles era ainda maior que a nossa casa. Todos pareciam estar em melhores condições, bem pintados e com gramados bem aparados.

Não vi ninguém nas casas ou nos quintais e não havia ninguém na rua.

Certamente é um bairro *tranquilo*, pensei. E sombrio. Todas as casas pareciam estar cercadas por árvores altas e frondosas. Os jardins da frente pelos quais passamos lentamente pareciam estar banhados pela sombra. A rua era o único lugar ensolarado, uma estreita fita dourada que atravessava as sombras de ambos os lados.

Talvez seja por isso que se chama Dark Falls, pensei.

“Onde está aquele meu filho?” Papai perguntou, olhando fixamente pelo para-brisa.

“Eu vou matá-lo. Eu realmente vou,” mamãe murmurou. Não foi a primeira vez que ela disse isso sobre Josh.

Demos duas voltas no quarteirão. Nenhum sinal dele.

O Sr. Dawes sugeriu que percorrêssemos os próximos quarteirões, e meu pai concordou rapidamente. “Espero não me perder. Também sou novo aqui”, disse o Sr. Dawes, virando uma esquina. “Ei, lá está a escola”, anunciou ele, apontando pela janela para um prédio alto de tijolos vermelhos. Parecia muito antiquado, com colunas brancas em ambos os lados das portas duplas da frente. “É claro que agora está fechado”, acrescentou Dawes.

Meus olhos procuraram o playground cercado atrás da escola. Estava vazio. Ninguém lá.

“Josh poderia ter caminhado tão longe?” Mamãe perguntou, sua voz firme e mais alta do que o normal.

“Josh não anda”, disse papai, revirando os olhos. “Ele corre.”

“Nós o encontraremos”, disse o Sr. Dawes com confiança, batendo os dedos no volante enquanto dirigia.

Viramos uma esquina para outro quarteirão sombreado. Uma placa de rua dizia “Cemetery Drive” e, com certeza, um grande cemitério surgiu na nossa frente. Lápides de granito rolavam ao longo de uma colina baixa, que descia e subia novamente em um grande trecho plano, também marcado com fileiras de lápides baixas e monumentos.

Alguns arbustos pontilhavam o cemitério, mas não havia muitas árvores. À medida que passávamos lentamente, as lápides passando como um borrão à esquerda, percebi que aquele era o local mais ensolarado que já tinha visto em toda a cidade.

“Aí está seu filho.” O Sr. Dawes, apontando pela janela, parou o carro de repente.

“Ah, graças a Deus!” Mamãe exclamou, inclinando-se para olhar pela janela do meu lado do carro.

Com certeza, lá estava Josh, correndo descontroladamente ao longo de uma fileira torta de árvores baixas e brancas. lápides. “O que ele está fazendo *aqui*?” Eu perguntei, abrindo a porta do meu carro.

Desci do carro, dei alguns passos na grama e chamei-o.

A princípio, ele não reagiu aos meus gritos. Ele parecia estar se esquivando e esquivando-se das lápides. Ele corria em uma direção, depois cortava para o lado e depois seguia em outra direção.

Por que ele estava fazendo isso?

Dei mais alguns passos – e então parei, tomado pelo medo.

De repente, percebi por que Josh estava correndo e se abaixando daquele jeito, correndo tão descontroladamente pelas lápides. Ele estava sendo perseguido.

Alguém — ou alguma coisa — estava atrás dele.

3

Então, quando dei alguns passos relutantes em direção a Josh, observando-o se abaixar e depois mudar de direção, com os braços estendidos enquanto corria, percebi que estava completamente para trás.

Josh não estava sendo perseguido. Josh estava *perseguido*.

Ele estava perseguindo Petey.

Está bem, está bem. Então, às vezes, minha imaginação foge comigo. Correndo por um cemitério antigo como este – mesmo em plena luz do dia – é natural que uma pessoa comece a ter pensamentos estranhos.

Chamei Josh novamente e desta vez ele me ouviu e se virou. Ele parecia preocupado. “Amanda, venha me ajudar!” ele chorou.

“Josh, qual é o problema?” Corri o mais rápido que pude para alcançá-lo, mas ele continuou correndo pelas lápides, movendo-se de fileira em fileira.

"Ajuda!"

“Josh, o que há de errado?” Eu me virei e vi que mamãe e papai estavam logo atrás meu.

“É Petey”, explicou Josh, sem fôlego. “Não consigo fazê-lo parar. eu peguei ele uma vez, mas ele se afastou de mim.

“Petey! Petey!” Papai começou a chamar o cachorro. Mas Petey ia de pedra em pedra, farejando cada uma e depois correndo para a próxima.

“Como você chegou até aqui?” Papai perguntou enquanto alcançava meu irmão.

“Tive que seguir Petey”, explicou Josh, ainda parecendo muito preocupado. “Ele simplesmente decolou. Num segundo ele estava farejando aquele canteiro de flores mortas em nosso jardim. No segundo seguinte, ele começou a correr. Ele não parava quando eu ligava. Nem olharia para trás. Ele continuou correndo até chegar aqui. Eu tive que seguir. Tive medo que ele se perdesse.”

Josh parou e, agradecido, deixou papai assumir a perseguição. “Não sei qual é o problema daquele cachorro idiota”, ele me disse. “Ele é simplesmente *estranho*.”

Papai precisou de algumas tentativas, mas finalmente conseguiu agarrar Petey e levá-lo do chão. Nosso pequeno terrier deu um grito de protesto sem entusiasmo e depois se deixou levar.

Todos nós voltamos para o carro na beira da estrada. O Sr. Dawes estava esperando perto do carro. “Talvez seja melhor você arranjar uma coleira para aquele cachorro”, disse ele, parecendo muito preocupado.

— Petey nunca esteve na coleira — protestou Josh, subindo cansado no banco de trás.

“Bem, talvez tenhamos que tentar um por um tempo”, disse papai calmamente. “Especialmente se ele continuar fugindo.” Papai jogou Petey no banco de trás. O cachorro aninhou-se ansiosamente nos braços de Josh.

O resto de nós entrou no carro e o Sr. Dawes nos levou de volta ao seu escritório, um prédio minúsculo, branco e de telhado plano, no final de uma fileira de pequenos escritórios. Enquanto andávamos, estendi a mão e acariciei a nuca de Petey.

Por que o cachorro fugiu daquele jeito? Eu me perguntei. Petey nunca tinha feito isso antes.

Imaginei que Petey também estava chateado com a nossa mudança. Afinal, Petey passou a vida inteira em nossa antiga casa. Ele provavelmente se sentiu como Josh e eu sobre ter que fazer as malas e se mudar e nunca mais ver o antigo bairro.

A nova casa, as novas ruas e todos os novos cheiros devem ter assustado o pobre cachorro fora. Josh queria fugir de toda a ideia. E Petey também.

De qualquer forma, essa era a minha teoria.

O Sr. Dawes estacionou o carro em frente ao seu pequeno escritório, apertou a mão do pai e entregou-lhe um cartão de visita. “Vocês podem passar aqui na próxima semana”, disse ele à mamãe e ao papai. “Terei todo o trabalho jurídico feito até lá. Depois de assinar os papéis, você pode se mudar a qualquer momento.”

Ele abriu a porta do carro e, dando-nos um último sorriso, preparou-se para sair.

“Compton Dawes”, disse mamãe, lendo o cartão de visita branco sobre o cartão de visita do papai. ombro. “Esse é um nome incomum. Compton é um antigo nome de família?

O Sr. Dawes balançou a cabeça. “Não”, ele disse, “sou o único Compton da minha família. Não tenho ideia de onde vem o nome. Não faço ideia. Talvez meus pais não soubessem soletrar Charlie!”

Rindo de sua piada terrível, ele saiu do carro, baixou o chapéu Stetson preto na cabeça, tirou o blazer do porta-malas e desapareceu no pequeno prédio branco.

Papai sentou-se ao volante, recuando o banco para dar espaço para sua barriga grande. Mamãe foi na frente e começamos a longa viagem para casa. “Acho que você e Petey tiveram uma grande aventura hoje”, disse mamãe a Josh, fechando a janela porque papai havia ligado o ar condicionado.

“Eu acho”, disse Josh sem entusiasmo. Petey estava dormindo em seu colo, roncando baixinho.

“Você vai adorar o seu quarto”, eu disse a Josh. “A casa toda é ótima. Realmente.”

Josh olhou para mim pensativo, mas não respondeu.

Eu cutuquei suas costelas com o cotovelo. “Dizer algo. Você ouviu o que eu disse?”

Mas o olhar estranho e pensativo não desapareceu do rosto de Josh.

As próximas semanas pareceram se arrastar. Andei pela casa pensando em como nunca mais veria meu quarto, como nunca mais tomaria café da manhã nesta cozinha, como nunca mais assistiria TV na sala. Coisas mórbidas como essa.

Tive uma sensação desagradável quando os transportadores chegaram uma tarde e entregaram uma pilha alta de caixas. Hora de fazer as malas. Estava realmente acontecendo. Mesmo que fosse o

No meio da tarde, subi para o meu quarto e me joguei na cama. Eu não cochilei nem nada. Fiquei olhando para o teto por mais de uma hora, e todos esses pensamentos selvagens e desconexos passaram pela minha cabeça, como um sonho, só que eu estava acordado.

Eu não era o único que estava nervoso com a mudança. Mamãe e papai estavam brigando um com o outro por nada. Certa manhã, eles brigaram muito para saber se o bacon estava muito crocante ou não.

De certa forma, foi engraçado vê-los sendo tão infantis. Josh estava agindo muito mal-humorado o tempo todo. Ele quase não falava uma palavra com ninguém. E Petey também ficou de mau humor. Aquele cachorro idiota nem sequer se levantou e veio até mim quando eu tinha alguns restos de comida para ele.

Acho que a parte mais difícil da mudança foi me despedir dos meus amigos. Carol e Amy estavam no acampamento, então tive que escrever para elas. Mas Kathy estava em casa e era minha melhor e mais antiga amiga, e de quem era mais difícil me despedir.

Acho que algumas pessoas ficaram surpresas por Kathy e eu termos continuado tão boas amigas. Por um lado, parecemos tão diferentes. Sou alto, magro e moreno, e ela tem pele clara, longos cabelos loiros e um pouco gordinha. Mas somos amigos desde a pré-escola e melhores amigos desde a quarta série.

Quando ela veio na noite anterior à mudança, nós dois ficamos terrivelmente estranhos. “Kathy, você não deveria ficar nervosa”, eu disse a ela. “Não é você quem vai se mudar para sempre.”

“Não é como se você estivesse se mudando para a China ou algo assim”, ela respondeu, mastigando com força seu chiclete. “Dark Falls fica a apenas quatro horas de distância, Amanda. Nos veremos muito.”

“Sim, eu acho”, eu disse. Mas eu não acreditei. Quatro horas de distância eram tão ruins quanto estar na China, no que me dizia respeito. “Acho que ainda podemos conversar ao telefone”, eu disse taciturnamente.

Ela soprou uma pequena bolha verde e depois a chupou de volta na boca. “Sim. Claro”, disse ela, fingindo estar entusiasmada. “Você tem sorte, você sabe. Sair deste bairro miserável para uma casa grande.”

“Não é um bairro ruim”, insisti. Não sei por que estava defendendo o bairro. Eu nunca tive antes. Um dos nossos passatempos favoritos era pensar em lugares onde preferiríamos crescer.

“A escola não será a mesma sem você”, ela suspirou, dobrando as pernas na cadeira. “Quem vai me dar as respostas em matemática?”

Eu ri. “Eu sempre te dei as respostas *erradas*.”

“Mas foi o pensamento que contou”, disse Kathy. E então ela gemeu. “Eca. Escola de ensino fundamental. O seu novo ensino fundamental faz parte do ensino médio ou do ensino fundamental?”

Fiz uma cara de nojo. “Tudo está em um prédio. É uma cidade pequena, lembrar? Não existe uma escola secundária separada. Pelo menos, eu não vi nenhum.

“Que chatice”, disse ela.

A chatice estava certa.

Conversamos por horas. Até que a mãe de Kathy ligou e disse que era hora dela voltar para casa.

Então nos abraçamos. Eu tinha decidido que não iria chorar, mas podia sentir as lágrimas grandes e quentes se formando nos cantos dos meus olhos. E então eles estavam escorrendo pelo meu rosto.

“Estou tão infeliz!” Eu chorei.

Eu tinha planejado ser realmente controlado e maduro. Mas Kathy era minha melhor amiga, afinal, e o que eu poderia fazer?

Prometemos que sempre estaríamos juntos em nossos aniversários, não importa o que. Forçaríamos nossos pais a garantir que não perdêssemos os aniversários um do outro.

E então nos abraçamos – de novo. E Kathy disse: “Não se preocupe. Veremos cada um outro muito. Realmente.” E ela também tinha lágrimas nos olhos.

Ela se virou e saiu correndo pela porta. A porta de tela bateu com força atrás dela. Fiquei ali olhando para a escuridão até que Petey entrou correndo, com as unhas dos pés estalando no linóleo, e começou a lamber minha mão.

Na manhã seguinte, dia de mudança, foi um sábado chuvoso. Não é uma chuva torrencial. Sem trovões ou relâmpagos. Mas chuva e vento suficientes para tornar a longa viagem lenta e desagradável.

O céu parecia ficar mais escuro à medida que nos aproximávamos do novo bairro. As árvores pesadas curvavam-se sobre a rua. “Calma, Jack”, mamãe avisou estridentemente. “A rua é realmente escorregadia.”

Mas papai estava com pressa para chegar em casa antes da van da mudança. “Eles vão basta colocar as coisas em qualquer lugar se não estivermos lá para supervisionar”, explicou ele.

Josh, ao meu lado no banco de trás, estava sendo um verdadeiro chato, como sempre. Ele continuou reclamando que estava com sede. Quando isso não deu resultado, ele começou a reclamar que estava morrendo de fome. Mas todos nós tomamos um grande café da manhã, então também não houve nenhuma reação.

Ele só queria atenção, é claro. Continuei tentando animá-lo, dizendo-lhe quão grande era a casa por dentro e quão grande era seu quarto. Ele ainda não tinha visto.

Mas ele não queria ficar animado. Ele começou a brigar com Petey, deixando o pobre cachorro nervoso, até que papai teve que gritar para ele parar.

“Vamos todos tentar ao máximo não irritar uns aos outros”, sugeriu a mãe.

Papai riu. “Boa ideia, querido.”

“Não tire sarro de mim,” ela retrucou.

Eles começaram a discutir sobre quem estava mais exausto de tanto fazer as malas. Petey levantou-se nas patas traseiras e começou a uivar para a janela traseira.

“Você não pode calá-lo?” Mamãe gritou.

Puxei Petey para baixo, mas ele lutou para se levantar e começou a uivar novamente. “Ele nunca fez isso antes”, eu disse.

“Basta deixá-lo quieto!” Mamãe insistiu.

Puxei Petey pelas patas traseiras e Josh começou a uivar. Mamãe se virou e lançou-lhe um olhar feio. Josh não parou de uivar, no entanto. Ele pensou que era um motim.

Finalmente, papai estacionou o carro na entrada da casa nova. Os pneus rangeram no cascalho molhado. A chuva batia no telhado.

“Lar doce lar”, disse mamãe. Eu não sabia se ela estava sendo sarcástica ou não. Acho que ela ficou muito feliz que a longa viagem de carro tivesse acabado.

“Pelo menos vencemos os transportadores”, disse papai, olhando para o relógio. Então sua expressão mudou. “Espero que eles não estejam perdidos.”

“Está escuro como a noite lá fora”, reclamou Josh.

Petey estava pulando no meu colo, desesperado para sair do carro. Ele geralmente era um bom viajante. Mas assim que o carro parou, ele quis sair imediatamente.

Abri a porta do carro e ele saltou para a garagem com um estrondo e começou a correr em zigue-zague selvagem pelo jardim da frente.

“Pelo menos *alguém* está feliz por estar aqui”, disse Josh calmamente.

Papai correu até a varanda e, remexendo nas chaves desconhecidas, conseguiu a porta da frente aberta. Então ele fez sinal para que entrássemos em casa.

Mamãe e Josh atravessaram a calçada correndo, ansiosos para sair da chuva. Fechei a porta do carro atrás de mim e comecei a correr atrás deles.

Mas algo chamou minha atenção. Parei e olhei para as janelas duplas acima da varanda.

Coloquei a mão sobre as sobrancelhas para proteger os olhos e semicerrei os olhos por causa da chuva. Sim. Eu vi.

Um rosto. Na janela à esquerda.

O garoto.

O mesmo garoto estava lá em cima, olhando para mim.

4

"Limpe seus pés! Não deixe sujeira nos pisos limpos!" Mamãe ligou. Sua voz ecoou nas paredes nuas da sala vazia.

Entrei no corredor. A casa cheirava a tinta. Os pintores tinham acabado de terminou na quinta-feira. Estava quente dentro de casa, muito mais quente que lá fora.

"A luz da cozinha não acende", papai gritou lá de trás. "Os pintores desligaram a eletricidade ou algo assim?"

"Como eu deveria saber?" Mamãe gritou de volta.

Suas vozes soavam muito altas na casa grande e vazia.

"Mãe, tem alguém lá em cima!" Eu chorei, enxugando meus pés nas novas boas-vindas tapete e correndo para a sala.

Ela estava na janela, olhando para a chuva, provavelmente procurando a mudança. Ela se virou quando entrei. "O quê?"

"Tem um garoto lá em cima. Eu o vi na janela", eu disse, lutando para recuperar o fôlego.

Josh entrou na sala pelo corredor dos fundos. Ele provavelmente estava com papai. Ele riu. "Alguém já está morando aqui?"

"Não há ninguém lá em cima", disse mamãe, revirando os olhos. "Vocês dois vão me dar um tempo hoje ou o quê?"

"O que *eu* fiz?" Josh choramingou.

"Escute, Amanda, estamos todos um pouco nervosos hoje..." mamãe começou.

Mas eu a interrompi. "Eu vi o rosto dele, mãe. Na janela. Eu não sou louco, você sabe.

"Quem disse?" Josh rachou.

"Amanda!" Mamãe mordeu o lábio inferior, como sempre fazia quando estava realmente exasperada. "Você viu o reflexo de alguma coisa. Provavelmente de uma árvore. Ela se voltou para a janela. A chuva caía em torrentes agora, o vento soprava ruidosamente contra a grande janela panorâmica.

Corri para a escada, coloquei as mãos em concha sobre a boca e gritei para o segundo andar: "Quem está aí?"

Nenhuma resposta.

"Quem está aí?" Eu chamei, um pouco mais alto.

Mamãe estava com as mãos nos ouvidos. "Amanda, por favor!"

Josh havia desaparecido pela sala de jantar. Ele estava finalmente explorando a casa.

"Tem alguém aí em cima", insisti e, impulsivamente, comecei a subir a madeira escada, meus tênis fazendo barulho nos degraus nus.

"Amanda..." ouvi minha mãe me chamar.

Mas eu estava com muita raiva para parar. Por que ela não acreditou em mim? Por que ela teve que dizer era o reflexo de uma árvore que vi lá em cima?

Eu estava curioso. Eu precisava saber quem estava lá em cima. Eu tive que provar que mamãe estava errada. Eu tinha que mostrar a ela que não tinha visto um reflexo estúpido. Acho que também posso ser bastante teimoso. Talvez seja uma característica familiar.

As escadas rangeram e rangeram sob mim enquanto eu subia. Não senti nenhum medo até chegar ao patamar do segundo andar. Então, de repente, tive uma sensação pesada na boca do estômago.

Parei, respirando com dificuldade, apoiando-me no corrimão.

Quem poderia ser? Um ladrão? Um garoto entediado da vizinhança que invadiu uma casa vazia para se divertir?

Talvez eu não devesse estar aqui sozinho, percebi.

Talvez o garoto na janela fosse perigoso.

“Alguém aqui?” Eu chamei, minha voz de repente trêmula e fraca.

Ainda encostado no corrimão, escutei.

E pude ouvir passos correndo pelo corredor.

Não.

Não passos.

A chuva. Foi isso que aconteceu. O tamborilar da chuva contra o telhado de ardósia.

Por alguma razão, o som me fez sentir um pouco mais calmo. Soltei o corrimão e entrei no corredor longo e estreito. Estava escuro aqui, exceto por um retângulo de luz cinzenta que vinha de uma pequena janela no outro extremo.

Dei alguns passos, as velhas tábuas de madeira rangendo ruidosamente embaixo de mim.

“Alguém aqui?”

Novamente nenhuma resposta.

Aproximei-me da primeira porta à minha esquerda. A porta estava fechada. O cheiro de tinta fresca era sufocante. Havia um interruptor de luz na parede perto da porta.

Talvez seja para a luz do corredor, pensei. Eu cliquei nele. Mas nada aconteceu.

"Alguém aqui?"

Minha mão tremia quando agarrei a maçaneta. Estava quente na minha mão. E úmido.

Virei-o e, respirando fundo, abri a porta.

Olhei para dentro da sala. A luz cinzenta entrava pela janela saliente. Um flash de um raio me fez pular para trás. O trovão que se seguiu foi um rugido surdo e distante.

Lentamente, com cuidado, dei um passo para dentro da sala. Então outro.

Nenhum sinal de ninguém.

Este era um quarto de hóspedes. Ou poderia ser o quarto de Josh, se ele decidisse que gostava.

Outro relâmpago. O céu parecia estar escurecendo. Estava escuro como breu lá fora, embora fosse logo depois da hora do almoço.

Recuei para o corredor. O próximo quarto seria meu. Também tinha uma janela saliente que dava para o jardim da frente.

O garoto que vi estava olhando para mim no *meu* quarto?

Arrastei-me pelo corredor, deixando minha mão correr pela parede por algum motivo, e parei em frente à minha porta, que também estava fechada.

Respirando fundo, bati na porta. “Quem está aí?” Liguei.
Eu escutei.

Silêncio.

Então um trovão, mais próximo que o anterior. Eu congelei como se estivesse paralisado, prendendo a respiração. Estava tão quente aqui, quente e úmido. E o cheiro de tinta estava me deixando tonto.

Agarrei a maçaneta. “Alguém aí?”

Comecei a girar a maçaneta quando o garoto apareceu por trás e agarrou meu ombro.

5

Eu não conseguia respirar. Eu não consegui gritar.

Meu coração pareceu parar. Meu peito parecia prestes a explodir.

Com um esforço desesperado e aterrorizado, me virei.

“Josh!” Eu gritei. “Você me assustou até a morte! Eu pensei-”

Ele me soltou e deu um passo para trás. “Peguei vocês!” ele declarou, e então começou a risada, uma risada estridente que ecoou pelo longo e vazio corredor.

Meu coração estava batendo forte agora. Minha testa latejava. “Você não é engraçado,” eu disse com raiva. Empurrei-o contra a parede. “Você realmente me assustou.”

Ele riu e rolou no chão. Ele é realmente um doente. Tentei empurrá-lo novamente, mas errei.

Com raiva, me afastei dele – bem a tempo de ver a porta do meu quarto se abrindo lentamente.

Eu engasguei em descrença. E congelou, boquiaberto com a porta em movimento.

Josh parou de rir e se levantou, imediatamente sério, os olhos escuros arregalados de medo.

Eu podia ouvir alguém se movendo dentro da sala.

Eu podia ouvir sussurros.

Risadas animadas.

“Quem... quem está aí?” Consegui gaguejar com uma vozinha aguda que não reconheci.

A porta, rangendo alto, abriu um pouco mais e começou a fechar.

“Quem está aí?” — exigi, com um pouco mais de força.

Mais uma vez, pude ouvir sussurros, alguém se movendo.

Josh estava encostado na parede e se afastava em direção à escada. Ele tinha uma expressão no rosto que eu nunca tinha visto antes: puro terror.

A porta, rangendo como a porta de uma casa mal-assombrada de cinema, fechou-se mais um pouco.

Josh estava quase na escada. Ele estava olhando para mim, gesticulando violentamente com sua mão para eu segui-lo.

Mas em vez disso, dei um passo à frente, agarrei a maçaneta e empurrei a porta com força.

Não resistiu.

Soltei a maçaneta e fiquei bloqueando a porta. “Quem está aí?”

A sala estava vazia.

O trovão caiu.

Levei alguns segundos para perceber o que estava fazendo a porta se mover. A janela na parede oposta estava aberta vários centímetros. As rajadas de vento que entravam pela janela aberta deviam estar abrindo e fechando a porta. Eu adivinhei isso também

expliquei os outros sons que ouvi dentro da sala, os sons que pensei serem sussurros.

Quem deixou a janela aberta? Os pintores, provavelmente.

Respirei fundo e soltei o ar lentamente, esperando que meu coração acelerado voltasse ao normal.

Sentindo-me um pouco tolo, caminhei rapidamente até a janela e fechei-a.

“Amanda, você está bem?” Josh sussurrou do corredor.

Comecei a responder a ele. Mas então tive uma ideia melhor.

Ele praticamente me assustou até a morte alguns minutos antes. Por que não dar a ele um pequeno susto? Ele mereceu.

Então eu não respondi a ele.

Pude ouvi-lo dar alguns passos tímidos para mais perto do meu quarto. “Amanda? Amanda? Você está bem?”

Fui na ponta dos pés até o meu armário e abri a porta um terço do caminho. Depois deitei-me no chão, de costas, com a cabeça e os ombros escondidos dentro do armário e o resto de mim no quarto.

“Amanda?” Josh parecia muito assustado.

“Ohhhhh,” eu gemi alto.

Eu sabia que quando ele me visse esparramado no chão assim, ele iria pirar!

“Amanda, o que está acontecendo?”

Ele estava na porta agora. Ele me veria a qualquer momento, deitado no quarto escuro, com a cabeça escondida, os relâmpagos brilhando impressionantemente e os trovões estalando do lado de fora da velha janela.

Respirei fundo e segurei o ar para não rir.

“Amanda?” ele sussurrou. E então ele deve ter me visto, porque ele pronunciou um alto “Huh?!” E eu o ouvi ofegar.

E então ele gritou a plenos pulmões. Eu o ouvi correndo pelo corredor até a escada, gritando: “Mãe! Pai!” E ouvi seus tênis descendo as escadas de madeira, com ele gritando e gritando durante todo o caminho.

Eu ri para mim mesmo. Então, antes que eu pudesse me levantar, senti uma língua áspera e quente lambendo meu rosto.

“Petey!”

Ele estava lambendo minhas bochechas, lambendo minhas pálpebras, lambendo-me freneticamente, como se estavam tentando me reanimar, ou como se quisessem me avisar que estava tudo bem.

“Ah, Petey! Petey!” Eu chorei, rindo e jogando meus braços em volta do doce cachorro. “Parar! Você está me deixando todo pegajoso!”

Mas ele não pararia. Ele continuou lambendo ferozmente.

O pobre cachorro também está nervoso, pensei.

“Vamos, Petey, fique em forma”, eu disse a ele, afastando seu rosto ofegante com as duas mãos. “Não há nada para ficar nervoso. Este novo lugar vai ser divertido. Você vai ver.”

6

Naquela noite, eu estava sorrindo para mim mesmo enquanto afofava meu travesseiro e deitava na cama. Eu estava pensando em como Josh estava apavorado naquela tarde, em como ele parecia assustado mesmo depois que eu descí as escadas, perfeitamente bem. Quão bravo ele estava por eu tê-lo enganado.

Claro, mamãe e papai não acharam engraçado. Ambos estavam nervosos e chateados porque a van da mudança acabara de chegar, com uma hora de atraso. Eles forçaram Josh e eu a estabelecer uma trégua. Chega de assustar um ao outro.

“É difícil *não* ficar com medo neste lugar velho e assustador,” Josh murmurou. Mas concordamos relutantemente em não fazer mais piadas um com o outro, se pudéssemos evitar.

Os homens, reclamando da chuva, começaram a carregar todos os nossos móveis. Josh e eu ajudamos a mostrar a eles onde queríamos coisas em nossos quartos. Deixaram cair minha cômoda na escada, mas ela só sofreu um pequeno arranhão.

A mobília parecia estranha e pequena nesta casa grande. Josh e eu tentamos ficar fora do caminho enquanto mamãe e papai trabalhavam o dia todo, arrumando coisas, esvaziando caixas, guardando roupas. Mamãe até conseguiu pendurar as cortinas da minha sala.

Que dia!

Agora, pouco depois das dez horas, tentando dormir pela primeira vez no meu novo quarto, virei-me de lado e depois de costas. Embora esta fosse minha cama antiga, eu não conseguia ficar confortável.

Tudo parecia tão diferente, tão errado. A cama não estava voltada para a mesma direção do meu antigo quarto. As paredes estavam nuas. Não tive tempo de pendurar nenhum dos meus pôsteres. A sala parecia tão grande e vazia. As sombras pareciam muito mais escuras.

Minhas costas começaram a coçar e, de repente, senti coceira em todo o corpo. A cama está cheia de insetos! pensei, sentando-me. Mas é claro que isso era ridículo. Era a mesma cama de sempre, com lençóis limpos.

Forcei-me a me acalmar e fechei os olhos. Às vezes, quando não consigo dormir, conto silenciosamente de dois em dois, imaginando cada número em minha mente enquanto penso nele. Geralmente ajuda a limpar minha mente para que eu possa adormecer.

Tentei agora, enterrando o rosto no travesseiro, imaginando os números passando... 4... 6... 8...

Bocejei alto, ainda bem acordado às duas e vinte.

Vou ficar acordado para sempre, pensei. Nunca vou conseguir dormir neste novo quarto.

Mas então devo ter adormecido sem perceber. Não sei quanto tempo dormi. Uma ou duas horas no máximo. Foi um sono leve e desconfortável. Então algo me acordou. Sentei-me ereto, assustado.

Apesar do calor da sala, senti frio por todo o corpo. Olhando para a ponta da cama, vi que havia tirado o lençol e o cobertor leve. Com um gemido, estendi a mão para eles, mas depois congelei.

Eu ouvi sussurros.

Alguém estava sussurrando do outro lado da sala.

“Quem... quem está aí?” Minha voz também era um sussurro, minúscula e assustada.

Peguei minhas cobertas e puxei-as até o queixo.

Ouvi mais sussurros. A sala entrou em foco enquanto meus olhos se ajustavam à luz fraca.

As cortinas. As cortinas compridas e transparentes do meu antigo quarto, que minha mãe pendurara naquela tarde, tremulavam na janela.

Então. Isso explicava os sussurros. As cortinas esvoaçantes devem ter me acordado.

Uma luz suave e cinza flutuou do lado de fora. As cortinas lançavam sombras em movimento nos pés da minha cama.

Bocejando, me espreguicei e saí da cama. Senti frio quando rastejei pelo chão de madeira para fechar a janela.

Quando me aproximei, as cortinas pararam de ondular e flutuaram de volta ao lugar. EU empurrou-os para o lado e estendeu a mão para fechar a janela.

"Oh!"

Soltei um grito suave quando percebi que a janela *estava* fechada.

Mas como as cortinas podiam tremer daquele jeito com a janela fechada? Fiquei ali por um tempo, olhando para o cinza da noite. Não havia muito rascunho. A janela parecia bastante hermética.

Eu tinha imaginado as cortinas ondulando? Meus olhos estavam pregando peças em mim?

Bocejando, corri de volta através das sombras estranhas para minha cama e puxei o cobre tão alto quanto eles iriam. “Amanda, pare de se assustar”, repreendi.

Quando voltei a dormir, alguns minutos depois, tive o sonho mais feio e assustador.

Sonhei que estávamos todos mortos. Mamãe, papai, Josh e eu.

A princípio, vi-nos sentados à mesa de jantar na nova sala de jantar. A sala estava muito iluminada, tão iluminada que eu não conseguia ver nossos rostos muito bem. Eles eram apenas um borrão branco e brilhante.

Mas então, lentamente, lentamente, tudo entrou em foco, e pude ver que, por baixo dos nossos cabelos, não tínhamos rostos. Nossa pele se foi e só restaram nossos crânios verde-acinzentados. Pedacos de carne agarraram-se às minhas bochechas ossudas. Havia apenas órbitas profundas e pretas onde meus olhos estavam.

Nós quatro, todos mortos, comíamos em silêncio. Nossos pratos, eu vi, estavam cheios de pequenos ossos. Uma grande travessa no centro da mesa estava repleta de ossos verde-acinzentados, ossos de aparência humana.

E então, nesse sonho, nossa refeição nojenta foi interrompida por uma forte batida na porta, uma batida insistente que foi ficando cada vez mais alta. Foi Kathy, minha

amigo de casa. Eu podia vê-la na nossa porta, batendo nela com os dois punhos.

Eu queria ir atender a porta. Tive vontade de sair correndo da sala de jantar, abrir a porta e cumprimentar Kathy. Eu queria falar com Kathy. Queria contar a ela o que havia acontecido comigo, explicar que eu estava morto e que meu rosto havia caído.

Eu queria tanto ver *Kathy*.

Mas não consegui me levantar da mesa. Tentei e tentei, mas não consegui me levantar.

As batidas na porta ficaram cada vez mais altas, até se tornarem ensurdecedoras. Mas eu apenas fiquei lá sentado com minha horrível família, pegando ossos do meu prato e comendo-os.

Acordei assustado, o horror do sonho ainda comigo. Eu ainda podia ouvir o batendo em meus ouvidos. Balancei a cabeça, tentando afugentar o sonho.

Era de manhã. Eu poderia dizer pelo azul do céu do lado de fora da janela.

"Oh não."

As cortinas. Eles estavam ondulando novamente, batendo as asas ruidosamente enquanto sopravam no sala.

Sentei-me e olhei.

A janela ainda estava fechada.

7

“Vou dar uma olhada na janela. Deve haver uma corrente de ar, um vazamento ou algo assim”, disse papai durante o café da manhã. Ele comeu outro bocado de ovos mexidos e presunto.

“Mas, pai, é tão estranho!” Eu insisti, ainda com medo. “As cortinas estavam voando loucamente e a janela estava *fechada!*”

“Pode estar faltando um painel”, sugeriu papai.

“Amanda é um saco!” Josh rachou. Sua ideia de uma piada realmente espirituosa.

“Não comece pela sua irmã”, disse mamãe, colocando o prato na mesa e sentando-se na cadeira. Ela parecia cansada. Seu cabelo preto, geralmente puxado para trás com cuidado, estava desganhado. Ela puxou o cinto do roupão. “Uau. Acho que não dormi duas horas ontem à noite.”

“Nem eu”, eu disse, suspirando. “Fiquei pensando que aquele garoto iria aparecer no meu quarto de novo.”

“Amanda, você realmente precisa parar com isso”, disse mamãe bruscamente. “Meninos em seu quarto. Cortinas soprando. Você tem que perceber que está nervoso e que sua imaginação está fazendo hora extra.”

“Mas, mãe...” comecei.

“Talvez um fantasma estivesse por trás das cortinas”, disse Josh, provocando. Ele ergueu as mãos e soltou um gemido fantasmagórico de “oooooh”.

“Uau.” Mamãe colocou a mão no ombro de Josh. “Lembre-se do que você prometeu sobre assustar um ao outro?”

“Vai ser difícil para todos nós nos adaptarmos a este lugar”, disse papai. “Você pode ter sonhado com as cortinas se abrindo, Amanda. Você disse que teve pesadelos, certo?”

O terrível pesadelo voltou à minha mente. Mais uma vez eu vi o grande prato de ossos em cima da mesa. Eu estremeci.

“Está tão úmido aqui”, disse mamãe.

“Um pouco de sol vai ajudar a secar o lugar”, disse papai.

Espiei pela janela. O céu ficou totalmente cinza. As árvores pareciam se espalhar escuridão sobre nosso quintal. “Onde está Petey?” Perguntei.

“Nos fundos”, respondeu mamãe, engolindo um bocado de ovos. “Ele acordou cedo também. Não consegui dormir, eu acho. Então eu o deixei sair.”

“O que estamos fazendo hoje?” Josh perguntou. Ele sempre precisava saber o plano para o dia. Cada detalhe. Principalmente para que ele pudesse discutir sobre isso.

“Seu pai e eu ainda temos muito que desfazer as malas”, disse mamãe, olhando para o corredor dos fundos, que estava cheio de caixas fechadas. “Vocês dois podem explorar a vizinhança. Veja o que você pode descobrir. Veja se há outras crianças da sua idade por perto.

“Em outras palavras, você quer que nos percamos!” Eu disse.

Mamãe e papai riram. “Você é muito inteligente, Amanda.”

“Mas eu quero ajudar a desempacotar *minhas* coisas”, Josh choramingou. Eu sabia que ele iria discutir o plano, como sempre.

“Vá se vestir e dê uma longa caminhada”, disse papai. “Leve Petey com você, ok? E pegue uma coleira para ele. Deixei um na escada da frente.

“E as nossas bicicletas? Por que não podemos andar de bicicleta? Josh perguntou.

“Eles estão enterrados nos fundos da garagem”, papai disse a ele. “Você nunca será capaz de chegar até eles. Além disso, você tem um pneu furado.

“Se não posso andar de bicicleta, não vou sair”, insistiu Josh, cruzando os braços na frente do peito.

Mamãe e papai tiveram que discutir com ele. Então ameace-o. Finalmente, ele concordou em fazer “uma pequena caminhada”.

Terminei meu café da manhã pensando em Kathy e meus outros amigos em casa. Eu me perguntei como eram as crianças em Dark Falls. Eu me perguntei se conseguiria encontrar novos amigos, amigos de verdade.

Ofereci-me para lavar a louça do café da manhã, já que mamãe e papai tinham muito trabalho a fazer. A água morna era calmante em minhas mãos enquanto eu limpava a louça com uma esponja. Acho que talvez eu seja estranho. Gosto de lavar louça.

Atrás de mim, de algum lugar na frente da casa, pude ouvir Josh discutindo com papai. Eu mal conseguia entender as palavras por cima do fio da água da torneira.

“Sua bola de basquete está embalada em uma dessas caixas”, papai dizia. Então Josh disse alguma coisa. Então papai disse: “Como posso *saber* qual?” Então Josh disse alguma coisa. Então papai disse: “Não, não tenho tempo para olhar agora. Acredite ou não, sua bola de basquete não está no topo da minha lista.”

Empilhei o último prato no balcão para escorrer e procurei um pano de prato para secar. minhas mãos. Não havia ninguém à vista. Acho que ainda não tinham sido desempacotados.

Limpando as mãos na frente do meu roupão, fui para as escadas. “Estarei vestido em cinco minutos”, gritei para Josh, que ainda estava discutindo com meu pai na sala de estar. “Então podemos sair.”

Comecei a subir as escadas da frente e parei.

Acima de mim, no patamar, estava uma garota estranha, mais ou menos da minha idade, com cabelo preto curto. Ela estava sorrindo para mim, não um sorriso caloroso, não um sorriso amigável, mas o sorriso mais frio e assustador que eu já tinha visto.

8

Uma mão tocou meu ombro.

Eu me virei.

Foi Josh. “Não vou passear a menos que possa pegar minha bola de basquete”, disse ele.

“Josh, por favor!” Olhei de volta para o patamar e a garota havia sumido.

Senti frio por toda parte. Minhas pernas tremiam. Agarrei o corrimão.

"Pai! Venha aqui por favor!" Liguei.

O rosto de Josh se encheu de alarme. “Ei, eu não fiz nada!” ele gritou.

“Não... é... não é você”, eu disse, e liguei para papai novamente.

“Amanda, estou meio ocupado”, disse papai, aparecendo abaixo, ao pé da escada, já transpirando por desencaixar as coisas da sala.

“Pai, eu vi alguém”, eu disse a ele. “Lá em cima. Uma garota. Eu aponteí.

“Amanda, por favor”, ele respondeu, fazendo uma careta. “Pare de ver as coisas, ok? Há ninguém nesta casa, exceto nós quatro.... e talvez alguns ratos.”

"Ratos?" Josh perguntou com interesse repentino. "Realmente? Onde?"

“Pai, eu não imaginei”, eu disse, com a voz embargada. Fiquei muito magoado por ele não acreditar em mim.

“Amanda, olhe lá em cima”, disse papai, olhando para o patamar. "O que você vê?"

Eu segui seu olhar. Havia uma pilha de minhas roupas no patamar. Mamãe deve ter acabado de desempacotá-los.

“São apenas roupas”, disse papai, impaciente. “Não é uma menina. São roupas.” Ele revirou os olhos.

“Desculpe,” eu disse calmamente. Repeti isso enquanto subia as escadas. "Desculpe."

Mas eu realmente não senti pena. Eu me senti confuso.

E ainda com medo.

Seria possível que eu pensasse que uma pilha de roupas era uma garota sorridente?

Não. Achei que não.

Eu não sou louco. E eu tenho uma visão muito boa.

Então, o que estava acontecendo?

Abri a porta do meu quarto, acendi a luz do teto e vi as cortinas ondulando na frente da janela saliente.

Oh não. De novo não, pensei.

Corri até eles. Desta vez, a janela estava aberta.

Quem abriu?

Mãe, eu imaginei.

O ar quente e úmido entrou na sala. O céu estava pesado e cinzento. Cheirava a chuva.

Virando-me para a cama, tive outro choque.

Alguém havia preparado uma roupa para mim. Um par de jeans desbotados e um azul claro, camiseta sem mangas. Eles estavam espalhados lado a lado ao pé da cama.

Quem os colocou lá? Mãe?

Parei na porta e chamei por ela. "Mãe? Mãe? Você escolheu roupas para mim?"

Eu podia ouvi-la gritar alguma coisa lá embaixo, mas não consegui entender as palavras.

Calma, Amanda, eu disse a mim mesmo. Acalmar.

É claro que mamãe tirou as roupas. Claro que mamãe os colocou lá.

Da porta, ouvi sussurros no meu armário.

Sussurrando e rindo silenciosamente atrás da porta do armário.

Esta foi a gota d'água. "O que está acontecendo aqui?" Eu gritei a plenos pulmões.

Fui até o armário e abri a porta.

Freneticamente, tirei as roupas do caminho. Ninguém lá dentro.

Ratos? Eu pensei. Eu tinha ouvido os ratos de que papai estava falando?

"Tenho que sair daqui", eu disse em voz alta.

A sala, percebi, estava me deixando louco.

Não. Eu estava ficando *louco*. Imaginando todas essas coisas estranhas.

Havia uma explicação lógica para tudo. Tudo.

Enquanto puxava minha calça jeans e a fechava, repetia a palavra "lógico" repetidamente em minha mente. Eu disse isso tantas vezes que não parecia mais uma palavra de verdade.

Calma, Amanda. Acalmar.

Respirei fundo e segurei até dez.

"Vaia!"

"Josh, pare com isso. Você não me assustou — eu disse a ele, parecendo mais irritado do que pretendia.

"Vamos sair daqui", disse ele, olhando para mim da porta. "Este lugar me dá arrepios."

"Huh? Você também?" exclamei. "Qual é o seu problema?"

Ele começou a dizer alguma coisa, mas parou. De repente ele pareceu envergonhado.

"Esqueça," ele murmurou.

"Não, diga-me", insisti. "O que você ia dizer?"

Ele chutou a moldura do chão. "Tive um sonho realmente assustador ontem à noite", ele finalmente admiti, olhando além de mim para as cortinas esvoaçantes da janela.

"Um sonho?" Lembrei-me do meu sonho horrível.

"Sim. Havia esses dois meninos no meu quarto. E eles eram maus.

"O que eles fizeram?" Perguntei.

"Não me lembro", disse Josh, evitando meus olhos. "Só lembro que eles eram assustadores."

"E o que aconteceu?" Eu perguntei, virando-me para o espelho para escovar meu cabelo.

"Eu acordei", disse ele. E então acrescentou impacientemente: "Vamos . Vamos."

"Os meninos disseram alguma coisa para você?" Perguntei.

"Não. Acho que não", ele respondeu pensativamente. "Eles apenas riram."

"Sorriu?"

"Bem, deu uma risadinha, mais ou menos", disse Josh. "Não quero mais falar sobre isso", ele bateu. "Vamos fazer essa caminhada idiota ou não?"

"OK. Estou pronto," eu disse, largando meu pincel, dando uma última olhada no espelho. "Vamos nessa caminhada idiota."

Eu o segui pelo corredor. Ao passarmos pela pilha de roupas no patamar, pensei na garota que tinha visto ali parada. E pensei no menino na janela quando chegamos. E os dois garotos que Josh tinha visto em seu sonho.

Decidi que isso provava que Josh e eu estávamos muito nervosos com a mudança para esse novo lugar. Talvez mamãe e papai estivessem certos. Estávamos deixando nossa imaginação voar conosco.

Tinha que ser nossa imaginação.

Quero dizer, o que *mais* poderia ser?

9

Alguns segundos depois, entramos no quintal para pegar Petey. Ele estava mais feliz do que nunca em nos ver, saltando sobre nós com suas patas enlameadas, latindo excitadamente, correndo em círculos frenéticos por entre as folhas. Isso me animou só de vê-lo.

Estava quente e abafado, embora o céu estivesse cinzento. Não havia vento algum.

As árvores pesadas e antigas permaneciam imóveis como estátuas.

Descemos o caminho de cascalho em direção à rua, nossos tênis chutando as folhas mortas e marrons, Petey correndo em zigue-zague ao nosso lado, primeiro na nossa frente, depois atrás de nós. “Pelo menos papai não nos pediu para varrer todas essas folhas velhas”, disse Josh.

“Ele vai,” eu avisei. “Acho que ele ainda não desempacotou o ancinho.”

Josh fez uma careta. Ficamos parados no meio-fio, olhando para nossa casa, as duas janelas salientes do segundo andar nos encarando como se fossem olhos.

A casa ao lado, notei pela primeira vez, era mais ou menos do mesmo tamanho que a nossa, só que era de telha em vez de tijolo. As cortinas da sala estavam fechadas. Algumas das janelas do andar de cima estavam fechadas. Árvores altas também deixavam a casa dos vizinhos na escuridão.

“Para que lado?” Josh perguntou, jogando um pedaço de pau para Petey perseguir.

Apontei para a rua. “A escola fica ali”, eu disse. “Vamos dar uma olhada.”

A estrada subia morro acima. Josh pegou um pequeno galho de árvore na beira da estrada e usou-o como bengala. Petey continuou tentando mastigar enquanto Josh caminhava.

Não vimos ninguém na rua ou em nenhum dos quintais por onde passamos. Nenhum carro passou.

Eu estava começando a pensar que a cidade inteira estava deserta, até que o garoto saiu por trás da borda baixa.

Ele apareceu tão de repente que Josh e eu paramos. “Oi”, ele disse timidamente, dando-nos um pequeno aceno.

“Oi”, Josh e eu respondemos ao mesmo tempo.

Então, antes que pudéssemos puxá-lo de volta, Petey correu até o garoto, cheirou seus tênis e começou a rosnar e a latir. O menino recuou e ergueu as mãos como se estivesse se protegendo. Ele parecia realmente assustado.

“Petey, pare!” Chorei.

Josh agarrou o cachorro e o levantou, mas ele continuou rosnando.

“Ele não morde”, eu disse ao menino. “Ele geralmente também não late. Desculpe.”

“Tudo bem”, disse o menino, olhando para Petey, que se contorcia para sair da cama.

Os braços de Josh. “Ele provavelmente sente cheiro de algo em mim.”

“Petey, pare!” Eu gritei. O cachorro não parava de se contorcer. “Você não quer a coleira, quer?”

O menino tinha cabelos loiros curtos e ondulados e olhos azuis muito claros. Ele tinha um nariz engraçado e arrebitado que parecia deslocado em seu rosto sério. Ele estava vestindo um moletom marrom de mangas compridas, apesar do calor do dia, e jeans pretos de perna reta. Ele tinha um boné de beisebol azul enfiado no bolso de trás da calça jeans.

“Meu nome é Amanda Benson”, eu disse. “E este é meu irmão Josh.”

Josh hesitantemente colocou Petey de volta no chão. O cachorro latiu uma vez, olhou para o menino choramingou baixinho, depois sentou-se na rua e começou a se coçar.

“Meu nome é Ray Thurston”, disse o garoto, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, ainda olhando cautelosamente para Petey. Ele pareceu relaxar um pouco, vendo que o cachorro havia perdido o interesse em latir e rosnar para ele.

De repente, percebi que Ray parecia familiar. Onde eu o tinha visto antes? Onde? Olhei fixamente para ele até me lembrar.

E então eu engasguei de susto repentino.

Ray era o garoto, o garoto do meu quarto. O menino na janela.

“Você...” gaguejei acusadoramente. “Você estava em nossa casa!”

Ele parecia confuso. “Huh?”

“Você estava no meu quarto, certo?” Eu insisto.

Ele riu. “Eu não entendo”, ele disse. “No seu quarto?”

Petey levantou a cabeça e deu um rosnado baixo na direção de Ray. Então ele voltou aos seus arranhões sérios.

“Pensei ter visto você”, eu disse, começando a me sentir um pouco em dúvida. Talvez não tenha sido ele. Talvez....

“Faz muito tempo que não vou à sua casa”, disse Ray, olhando cautelosamente para Petey.

“Muito tempo?”

“Sim. Eu morava na sua casa”, respondeu ele.

“Huh?” Josh e eu olhamos para ele surpresos. “Nossa casa?”

Ray assentiu. “Quando nos mudamos para cá”, disse ele. Ele pegou uma pedra plana e a jogou rua abaixo.

Petey rosnou, começou a persegui-lo, mudou de ideia e caiu de volta na rua, com o coto do rabo abanando com entusiasmo.

Nuvens pesadas baixaram pelo céu. Parecia ficar mais escuro. “Onde você mora agora?” Perguntei.

Ray jogou outra pedra e apontou para a estrada.

“Você gostou da nossa casa?” Josh perguntou a Ray.

“Sim, estava tudo bem”, Ray disse a ele. “Agradável e sombrio.”

“Você gostou?” Josh chorou. “Eu acho que é nojento. Está tão escuro e...”

Petey interrompeu. Ele decidiu começar a latir para Ray novamente, correndo até ficar alguns centímetros à frente dele e depois recuando. Ray deu alguns passos cautelosos de volta à beira do meio-fio.

Josh puxou a coleira do bolso do short. “Desculpe, Petey”, disse ele. Segurei o cachorro rosnando enquanto Josh prendia a coleira em sua coleira.

“Ele nunca fez isso antes. Sério,” eu disse, me desculpando com Ray.

A coleira pareceu confundir Petey. Ele puxou contra ele, puxando Josh através do rua. Mas pelo menos ele parou de latir.

“Vamos fazer alguma coisa”, disse Josh, impaciente.

“Como o que?” Ray perguntou, relaxando novamente agora que Petey estava na coleira.

Todos nós pensamos por um tempo.

“Talvez pudéssemos ir para sua casa”, Josh sugeriu a Ray.

Ray balançou a cabeça. “Não. Acho que não”, disse ele. “Agora não, de qualquer maneira.”

“Onde está todo mundo?” Eu perguntei, olhando para cima e para baixo na rua vazia. “Está realmente morto por aqui, hein?”

Ele riu. “Sim. Acho que você poderia dizer isso”, disse ele. “Quer ir ao parquinho atrás da escola?”

“Sim. Ok,” eu concordei.

Nós três subimos a rua, Ray na frente, eu andando alguns metros atrás dele, Josh segurando o galho de árvore em uma mão, a coleira na outra, Petey correndo para um lado e para outro, dando a Josh uma bronca bem forte. tempo.

Não vimos o bando de crianças até virarmos a esquina.

Eram dez ou doze, a maioria meninos, mas também algumas meninas. Eles riam e gritavam, empurrando-se uns aos outros de brincadeira enquanto vinham em nossa direção pelo centro da rua. Alguns deles, eu vi, tinham mais ou menos a minha idade. O resto eram adolescentes. Eles estavam vestindo jeans e camisetas escuras. Uma das meninas se destacou porque tinha cabelos loiros longos e lisos e usava meia-calça verde de spandex.

“Ei, olhe!” — gritou um garoto alto com cabelo preto penteado para trás, apontando para nós.

Vendo Ray, Josh e eu, eles ficaram quietos, mas não pararam de se mover em nossa direção. A poucos deles riram, como se estivessem gostando de algum tipo de piada particular.

Nós três paramos e observamos eles se aproximando. Sorri e esperei para dizer oi. Petey estava puxando a coleira e latindo loucamente.

“Oi, pessoal”, disse o garoto alto de cabelo preto, sorrindo. Os outros acharam isso muito engraçado por algum motivo. Eles riram. A garota de meia-calça verde deu um empurrão em um garoto ruivo e baixinho que quase o fez cair em cima de mim.

“Como vai, Ray?” uma garota com cabelo preto curto perguntou, sorrindo para Ray.

“Nada mal. Oi, pessoal”, respondeu Ray. Ele se virou para Josh e para mim. “Estes são alguns dos meus amigos. Eles são todos da vizinhança.”

“Oi,” eu disse, me sentindo estranho. Eu queria que Petey parasse de latir e de puxar sua coleira assim. O pobre Josh estava passando por momentos terríveis segurando-o.

“Este é George Carpenter”, disse Ray, apontando para o garoto ruivo e baixo, que assentiu. “E Jerry Franklin, Karen Somerset, Bill Gregory...” Ele deu a volta no círculo, nomeando cada criança. Tentei lembrar todos os nomes, mas é claro que foi impossível.

“O que você acha de Dark Falls?” uma das meninas me perguntou.

“Eu realmente não sei”, eu disse a ela. “É meu primeiro dia aqui, na verdade. Parece legal.

Algumas crianças riram da minha resposta, por algum motivo.

“Que tipo de cão é aquele?” George Carpenter perguntou a Josh.

Josh, segurando firme a alça da guia, contou a ele. George olhou fixamente para Petey, estudando-o, como se nunca tivesse visto um cachorro como Petey antes.

Karen Somerset, uma garota alta e bonita com cabelo loiro curto, veio até mim enquanto algumas das outras crianças admiravam Petey. "Sabe, eu morava na sua casa", ela disse suavemente.

"O que?" Eu não tinha certeza se a ouvi corretamente.

"Vamos para o parquinho", disse Ray, interrompendo.

Ninguém respondeu à sugestão de Ray.

Eles ficaram quietos. Até Petey parou de latir.

Karen realmente disse que morava em nossa casa? Eu queria perguntar a ela, mas ela voltou para o círculo de crianças.

O círculo.

Minha boca se abriu quando percebi que eles formaram um círculo ao redor de Josh e meu.

Senti uma pontada de medo. Eu estava imaginando isso? Algo estava acontecendo?

Todos eles de repente pareciam diferentes para mim. Eles sorriam, mas seus rostos estavam tensos, atentos, como se esperassem problemas.

Dois deles, notei, carregavam tacos de beisebol. A garota com meia-calça verde olhou para mim, me olhando de cima a baixo, me observando.

Ninguém disse uma palavra. A rua estava silenciosa, exceto por Petey, que agora choramingava baixinho.

De repente, senti muito medo.

Por que eles estavam olhando para nós daquele jeito?

Ou minha imaginação estava fugindo comigo de novo?

Virei-me para Ray, que ainda estava ao meu lado. Ele não parecia nem um pouco preocupado. Mas ele não devolvi meu olhar.

"Ei, pessoal..." eu disse. "O que está acontecendo?" Tentei manter a calma, mas minha voz estava um pouco trêmula.

Olhei para Josh. Ele estava ocupado acalmando Petey e não percebeu que as coisas haviam mudado.

Os dois garotos com tacos de beisebol os seguraram na altura da cintura e avançaram.

Olhei ao redor do círculo, sentindo o medo apertar meu peito.

O círculo se apertou. As crianças estavam se aproximando de nós.

10

As nuvens negras acima pareciam diminuir. O ar parecia pesado e úmido.

Josh estava mexendo na coleira de Petey e ainda não via o que estava acontecendo. Fiquei me perguntando se Ray diria alguma coisa, se faria alguma coisa para impedi-los. Mas ele permaneceu congelado e inexpressivo ao meu lado.

O círculo ficou menor à medida que as crianças se aproximavam.

Percebi que estava prendendo a respiração. Respirei fundo e abri a boca para gritar.

“Ei, crianças, o que está acontecendo?”

Era uma voz de homem, chamando de fora do círculo.

Todos se viraram e viram o Sr. Dawes vindo rapidamente em nossa direção, dando passos largos enquanto atravessava a rua, seu blazer aberto balançando atrás dele. Ele tinha um sorriso amigável no rosto. “O que está acontecendo?” ele perguntou novamente.

Ele não parecia perceber que a gangue de crianças estava se aproximando de Josh e meu.

“Estamos indo para o parquinho”, disse George Carpenter, girando o bastão na mão dele. “Você sabe. Para jogar softbol.

“Bom negócio”, disse o Sr. Dawes, puxando para baixo a gravata listrada, que havia caído seu ombro. Ele olhou para o céu escuro. “Espero que você não chova.”

Várias crianças recuaram. Eles estavam em pequenos grupos de dois ou três agora. O círculo havia se desfeito completamente.

“Esse taco é para softball ou hardball?” — perguntou o Sr. Dawes a George.

“George não sabe”, outro garoto respondeu rapidamente. “Ele nunca bateu em nada com isso!”

Todas as crianças riram. George ameaçou o garoto de brincadeira, fingindo atacá-lo com o bastão.

O Sr. Dawes deu um pequeno aceno e começou a sair. Mas então ele parou e seus olhos se arregalaram de surpresa. “Ei”, ele disse, me lançando um sorriso amigável. “José. Amanda. Eu não vi você aí.

“Bom dia,” eu murmurei. Eu estava me sentindo muito confuso. Um momento atrás, eu me senti terrivelmente assustado. Agora todo mundo estava rindo e brincando.

Eu tinha imaginado que as crianças estavam se mudando para nós? Ray e Josh não pareciam notar algo peculiar. Éramos só eu e minha imaginação hiperativa?

O que teria acontecido se o Sr. Dawes não tivesse aparecido?

“Como vocês dois estão se dando na nova casa?” — perguntou o Sr. Dawes, alisando o cabelo loiro e ondulado.

“Tudo bem”, Josh e eu respondemos juntos. Olhando para o Sr. Dawes, Petey começou a latir e puxar a coleira.

O Sr. Dawes colocou uma expressão exageradamente magoada no rosto. “Estou arrasado”, ele disse. “Seu cachorro ainda não gosta de mim.” Ele se inclinou sobre Petey. “Ei, cachorro, relaxe.”

Petey latiu de volta com raiva.

“Ele parece não gostar de *ninguém* hoje”, eu disse ao Sr. Dawes, desculpando-me.

O Sr. Dawes levantou-se e encolheu os ombros. “Não posso vencer todos.” Ele voltou para seu carro, estacionado a alguns metros da rua. “Estou indo para sua casa”, ele disse a mim e a Josh. “Só quero ver se há algo que eu possa fazer para ajudar seus pais. Divirtam-se, crianças.

Eu o observei entrar no carro e ir embora.

“Ele é um cara legal”, disse Ray.

“Sim,” eu concordei. Eu ainda estava me sentindo desconfortável, me perguntando o que as crianças faria agora que o Sr. Dawes se foi.

Eles formariam aquele círculo assustador novamente?

Não. Todos começaram a andar, descendo o quarteirão até o parquinho atrás da escola. Eles estavam brincando um com o outro e conversando normalmente, e praticamente ignoraram Josh e eu.

Eu estava começando a me sentir um pouco bobo. Era óbvio que eles não estavam tentando assustar Josh e eu. Devo ter inventado tudo na minha cabeça.

Eu devo ter.

Pelo menos, disse a mim mesmo, não gritei nem fiz cena. Pelo menos eu não tinha feito papel de bobo.

O playground estava completamente vazio. Imaginei que a maioria das crianças tinha ficado dentro de casa por causa do céu ameaçador. O playground era um campo gramado grande e plano, cercado nos quatro lados por uma alta cerca de metal. Havia balanços e escorregadores na extremidade mais próxima do prédio da escola. Havia dois diamantes de beisebol do outro lado. Além da cerca, pude ver uma fileira de quadras de tênis, também desertas.

Josh amarrou Petey na cerca e veio correndo para se juntar a nós. O menino chamado Jerry Franklin formou as equipes. Ray e eu estávamos no mesmo time. Josh estava do outro.

Quando nossa equipe entrou em campo, fiquei animado e um pouco nervoso. Não sou o melhor jogador de softball do mundo. Posso acertar a bola muito bem. Mas no campo, sou um completo desastrado. Felizmente, Jerry me mandou para o campo certo, onde poucas bolas são rebatidas.

As nuvens começaram a se afastar um pouco e o céu ficou mais claro. Jogamos dois completos entradas. O outro time estava vencendo, oito a dois. Eu estava me divertindo.

Eu só errei em uma peça. E acertei duas vezes na primeira vez que rebati.

Foi divertido estar com um grupo totalmente novo de crianças. Eles pareciam muito legais, especialmente a garota chamada Karen Somerset, que conversou comigo enquanto esperávamos nossa vez de rebater. Karen tinha um sorriso lindo, embora usasse aparelho em todos os dentes, de cima a baixo. Ela parecia muito ansiosa para ser amiga.

O sol estava nascendo quando meu time começou a entrar em campo para o início do terceiro turno. De repente, ouvi um assobio alto e estridente. Olhei em volta até ver que era Jerry Franklin, soprando um apito prateado.

Todos vieram correndo até ele. “É melhor desistirmos”, disse ele, olhando para o céu iluminando. “Prometemos aos nossos pais, lembre-se, que estaríamos em casa para almoçar.”

Olhei para o meu relógio. Eram apenas onze e meia. Ainda é cedo.

Mas, para minha surpresa, ninguém protestou.

Todos acenaram uns para os outros e se despediram, e então começaram a correr. EU não conseguia acreditar o quão rápido todos foram embora. Era como se eles estivessem correndo ou algo assim.

Karen passou correndo por mim como os outros, de cabeça baixa e uma expressão séria no rosto bonito. Então ela parou de repente e se virou. "Prazer em conhecê-la, Amanda", ela respondeu. "Devíamos nos encontrar algum dia."

"Ótimo!" Eu liguei para ela. "Você sabe onde eu moro?"

Não consegui ouvir a resposta dela muito bem. Ela assentiu e pensei que ela tivesse dito: "Sim. EU Sei. Eu morava na sua casa.

Mas *não poderia ter sido* isso que ela disse.

11

Vários dias se passaram. Josh e eu estávamos nos acostumando com nossa nova casa e nossos novos amigos.

As crianças que encontrávamos todos os dias no parquinho ainda não eram exatamente amigas. Eles conversaram comigo e com Josh e nos deixaram entrar em suas equipes. Mas foi muito difícil conhecê-los.

No meu quarto, eu continuava ouvindo sussurros tarde da noite e risadas suaves, mas me forcei a ignorar. Uma noite, pensei ter visto uma garota toda vestida de branco no final do corredor do andar de cima. Mas quando fui investigar, havia apenas uma pilha de lençóis sujos e outras roupas de cama encostadas na parede.

Josh e eu estávamos nos adaptando, mas Petey ainda estava agindo de forma muito estranha. Nós o levávamos conosco para o parquinho todos os dias, mas tínhamos que amarrá-lo na cerca. Caso contrário, ele latiria e atacaria todas as crianças.

“Ele ainda está nervoso por estar em um lugar novo”, eu disse a Josh. “Ele vai se acalmar.”

Mas Petey não se acalmou. E cerca de duas semanas depois, estávamos terminando um jogo de softball com Ray, e Karen Somerset, e Jerry Franklin, e George Carpenter, e um monte de outras crianças, quando olhei para a cerca e vi que Petey havia sumido.

De alguma forma, ele se soltou da coleira e fugiu.

Procuramos por horas, chamando “Petey!” vagando de quarteirão em quarteirão, vasculhando quintais e quintais, terrenos baldios e bosques. Então, depois de dar duas voltas pela vizinhança, Josh e eu de repente percebemos que não tínhamos ideia de onde estávamos.

As ruas de Dark Falls pareciam iguais. Eles estavam todos alinhados com velhos e extensos casas de tijolos ou telhas, todas cheias de árvores antigas e frondosas.

“Eu não acredito nisso. Estamos perdidos”, disse Josh, encostado no tronco de uma árvore, tentando recuperar o fôlego.

“Aquele cachorro estúpido”, murmurei, meus olhos vasculhando a rua. “Por que ele fez isso? Ele nunca fugiu antes.

“Não sei como ele se soltou”, disse Josh, balançando a cabeça e depois enxugando o rosto. testa suada com a manga da camiseta. “Eu amarrei ele muito bem.”

“Ei, talvez ele tenha corrido para casa”, eu disse. A ideia imediatamente me animou.

“Sim!” Josh se afastou da árvore e voltou para mim. “Aposto que você está certa, Amanda. Ele provavelmente está em casa há horas. Uau. Fomos estúpidos. Devíamos ter verificado em casa primeiro. Vamos!”

“Bem”, eu disse, olhando para os pátios vazios, “só precisamos descobrir qual é o caminho para casa”.

Olhei para cima e para baixo na rua, tentando descobrir para que lado havíamos virado quando saímos do pátio da escola. Eu não conseguia me lembrar, então começamos a andar.

Felizmente, quando chegamos à próxima esquina, a escola apareceu. Tínhamos feito um círculo completo. Foi fácil encontrar o caminho a partir daí.

Ao passar pelo parquinho, olhei para o ponto na cerca onde Petey havia sido amarrado. Aquele cachorro problemático. Ele estava agindo tão mal desde que viemos para Dark Falls.

Ele estaria em casa quando chegássemos lá? Eu esperava que sim.

Alguns minutos depois, Josh e eu estávamos correndo pela entrada de cascalho, chamando o nome do cachorro a plenos pulmões. A porta da frente se abriu e mamãe, com o cabelo preso com uma bandana vermelha e os joelhos da calça jeans cobertos de poeira, se inclinou para fora. Ela e papai estavam pintando a varanda dos fundos. "Onde vocês dois estiveram? A hora do almoço foi há duas horas!

Josh e eu respondemos ao mesmo tempo. — Petey está aqui?

"Estávamos procurando por Petey!"

"Ele está aqui?"

O rosto da mãe se encheu de confusão. "Petey? Achei que ele estava com você.

Meu coração afundou. Josh caiu na calçada com um suspiro alto, esparramando-se de costas no cascalho e nas folhas.

"Você não o viu?" Eu perguntei, minha voz trêmula mostrando meu desapontamento. "Ele *estava* conosco. Mas ele fugiu."

"Oh. Sinto muito", disse mamãe, gesticulando para que Josh se levantasse da garagem. "Ele fugiu? Achei que você o estava mantendo na coleira.

"Você tem que nos ajudar a encontrá-lo", implorou Josh, sem se mover do chão.

"Pegue o carro. Precisamos encontrá-lo... agora mesmo!

"Tenho certeza de que ele não foi longe", disse mamãe. "Você deve estar morrendo de fome. Entre e almocemos e depois nós..."

"Não. Agora mesmo!" Josh gritou.

"O que está acontecendo?" Papai, com o rosto e o cabelo cobertos de pequenas manchas brancas pintar, juntou-se à mamãe na varanda da frente. "Josh, por que toda essa gritaria?"

Explicamos ao papai o que havia acontecido. Ele disse que estava ocupado demais para dirigir por aí procurando Petey. Mamãe disse que faria isso, mas só depois de almoçarmos. Puxei Josh pelos dois braços e o arrastei para dentro de casa.

Lavamos a louça e engolimos alguns sanduíches de pasta de amendoim e geleia. Então mamãe tirou o carro da garagem e andamos pela vizinhança em busca de nosso animal de estimação perdido.

Sem sorte.

Nenhum sinal dele.

Josh e eu estávamos infelizes. De coração partido. Mamãe e papai ligaram para a polícia local. Papai ficava dizendo que Petey tinha um bom senso de direção, que apareceria a qualquer minuto.

Mas nós realmente não acreditamos nisso.

Onde ele estava?

Nós quatro jantamos em silêncio. Foi a noite mais longa e horrível da minha vida. "Eu amarrei ele muito bem", repetiu Josh, à beira das lágrimas, com o prato ainda cheio.

"Os cães são ótimos artistas de fuga", disse papai, "não se preocupe. Ele vai aparecer."

“Alguma noite para uma festa”, mamãe disse sombriamente.

Eu tinha esquecido completamente que eles estavam saindo. Alguns vizinhos do próximo Block os convidou para um grande jantar festivo.

“Claro que também não estou com vontade de festejar”, disse papai com um suspiro. “Estou cansado de pintar o dia todo. Mas acho que temos que ser bons vizinhos. Tem certeza que vocês, crianças, ficarão bem aqui?”

“Sim, eu acho”, eu disse, pensando em Petey. Fiquei ouvindo seu latido, ouvindo arranhões na porta.

Mas não. As horas se arrastaram. Petey ainda não tinha aparecido na hora de dormir.

Josh e eu subimos as escadas. Eu me senti muito cansado, cansado de todas as preocupações e de correr e procurar Petey, eu acho. Mas eu sabia que nunca conseguiria dormir.

No corredor do lado de fora da porta do meu quarto, ouvi sussurros vindos de dentro do meu quarto e passos silenciosos. Os sons habituais que meu quarto fazia. Eu não estava mais com medo deles ou surpreso com eles.

Sem hesitar, entrei no meu quarto e acendi a luz. A sala estava vazia, como eu sabia que estaria. Os sons misteriosos desapareceram. Olhei para as cortinas, que estavam retas e imóveis.

Então vi as roupas espalhadas por toda a minha cama.

Vários pares de jeans. Várias camisetas. Alguns moletons. Minha única saia elegante.

Isso é estranho, pensei. Mamãe era uma aberração tão legal. Se ela tivesse lavado estas coisas, ela certamente as teria pendurado ou colocado nas gavetas da cômoda.

Suspirando cansado, comecei a juntar as roupas e guardá-las. Achei que mamãe simplesmente tinha muito o que fazer para ser incomodada. Ela provavelmente lavou a coisa e depois deixou aqui para eu guardar. Ou ela havia deixado tudo de lado, planejando voltar mais tarde e guardá-lo, e então se ocupou com outras tarefas.

Meia hora depois, eu estava deitado na cama, bem acordado, olhando para as sombras no teto.

Algun tempo depois — perdi a noção do tempo —, eu ainda estava bem acordado, ainda pensando em Petey, pensando nas novas crianças que conheci, pensando no novo bairro, quando ouvi a porta do meu quarto ranger e se abrir.

Passos nas tábuas rangentes do piso.

Sentei-me na escuridão enquanto alguém entrava no meu quarto.

“Amanda – ssshh – sou eu.”

Alarmado, levei alguns segundos para reconhecer o sussurro abafado. “José! O que você quer? O que você está fazendo aqui?”

Engoli em seco quando uma luz ofuscante me forçou a cobrir os olhos. “Opa. Desculpe”, disse Josh. “Minha lanterna. Eu não queria...”

“Ai, isso é brilhante”, eu disse, piscando. Ele apontou o poderoso feixe de luz branca para o teto.

“Sim. É uma lanterna halógena”, disse ele.

“Bem, o que você quer?” Eu perguntei irritado. Eu ainda não conseguia enxergar bem. Esfreguei os olhos, mas não adiantou.

“Eu sei onde Petey está”, Josh sussurrou, “e vou buscá-lo. Vir Comigo?”

"Huh?" Olhei para o pequeno relógio na minha mesinha de cabeceira. “Já passa da meia-noite, Josh.”

"Então? Não demorará muito. Realmente."

Meus olhos estavam quase normais agora. Olhando para Josh sob a luz da lanterna halógena, notei pela primeira vez que ele estava completamente vestido com jeans e uma camiseta de mangas compridas.

“Não entendi, Josh”, eu disse, me virando e colocando os pés no chão.

“Procuramos em todos os lugares. Onde você acha que Petey está?”

“No cemitério”, respondeu Josh. Seus olhos pareciam grandes, escuros e sérios sob a luz branca.

"Huh?"

“Foi para lá que ele correu pela primeira vez, lembra? Quando chegamos ao Dark Quedas? Ele correu para aquele cemitério logo depois da escola.”

“Agora, espere um minuto...” comecei.

“Passamos por lá esta tarde, mas não olhamos para dentro. Ele está aí, Amanda. EU sei que ele é. E eu vou buscá-lo, quer você venha ou não.

“Josh, acalme-se”, eu disse, colocando as mãos em seus ombros estreitos. Fiquei surpreso ao descobrir que ele estava tremendo. “Não há razão para Petey estar naquele cemitério.”

“Foi para lá que ele foi pela primeira vez”, insistiu Josh. “Ele estava procurando algo lá naquele dia. Eu poderia dizer. Eu sei que ele está lá de novo, Amanda. Ele se afastou de mim. "Você está vindo ou não?"

Meu irmão deve ser a pessoa mais teimosa e teimosa do mundo.

“Josh, você realmente vai entrar em um cemitério estranho tão tarde da noite?” Perguntei.

“Não estou com medo”, disse ele, iluminando meu quarto com a luz brilhante.

Por um breve segundo, pensei que a luz captasse alguém, escondido atrás da cortinas. Abri a boca para gritar. Mas não havia ninguém lá.

"Você vem ou não?" ele repetiu impacientemente.

Eu ia dizer não. Mas então, olhando para as cortinas, pensei, provavelmente não é mais assustador lá naquele cemitério do que aqui no meu próprio quarto!

"Sim. Ok," eu disse de má vontade. “Saia daqui e deixe-me me vestir.”

“Tudo bem”, ele sussurrou, desligando a lanterna, mergulhando-nos na escuridão.

“Encontre-me no final da garagem.”

“Josh, uma rápida olhada no cemitério e depois corremos para casa. Entendi?” Eu disse a ele.

"Sim. Certo. Estaremos em casa antes que mamãe e papai voltem daquela festa." Ele saiu de mansinho. Eu podia ouvi-lo descendo rapidamente as escadas.

Esta é a ideia mais maluca de todas, disse a mim mesmo enquanto procurava na escuridão alguma roupa para vestir.

E também foi emocionante.

Josh estava errado. Nenhuma dúvida sobre isso. Petey não estaria por aí nisso cemitério agora. Por que diabos ele deveria?

Mas pelo menos não foi uma longa caminhada. E foi uma aventura. Algo para escrever prestes a levar Kathy para casa.

E se Josh estivesse certo e conseguíssemos encontrar o pobre e perdido Petey, bem, isso também seria ótimo.

Poucos minutos depois, vestida com jeans e moletom, saí de casa e me juntei a Josh na entrada da garagem. A noite ainda estava quente. Um pesado manto de nuvens cobria a lua. Percebi pela primeira vez que não havia iluminação pública em nosso quarteirão.

Josh estava com a lanterna halógena ligada e apontada para nossos pés. "Esta pronto?" ele perguntou.

Pergunta idiota. Eu estaria ali se não estivesse pronto?

Trituramos folhas mortas enquanto subíamos o quarteirão em direção à escola. De lá, eram apenas dois quarteirões até o cemitério.

"Está tão escuro," eu sussurrei. As casas eram pretas e silenciosas. Não houve brisa. Era como se estivéssemos sozinhos no mundo.

"Está muito quieto", eu disse, correndo para acompanhar Josh. "Sem grilos nem nada. Tem certeza que quer mesmo ir ao cemitério?"

"Tenho certeza", disse ele, seus olhos seguindo o círculo de luz da lanterna enquanto ela bateu no chão. "Eu realmente acho que Petey está lá."

Caminhamos pela rua, mantendo-nos próximos ao meio-fio. Tínhamos percorrido quase dois quarteirões. A escola estava surgindo no próximo quarteirão quando ouvimos passos atrás de nós na calçada.

Josh e eu paramos. Ele abaixou a luz.

Nós dois ouvimos os sons. Eu não estava imaginando eles.

Alguém estava nos seguindo.

12

Josh ficou tão assustado que a lanterna caiu de sua mão e caiu na rua. A luz piscou, mas não apagou.

Quando Josh conseguiu pegá-lo, nosso perseguidor nos alcançou. EU me virei para encará-lo, meu coração batendo forte no peito.

"Raio! O que *you* está fazendo aqui?"

Josh apontou a luz para o rosto de Ray, mas Ray levantou os braços para proteger o rosto e voltou para a escuridão. "O que *you* dois estão fazendo aqui?" ele gritou, parecendo quase tão assustado quanto eu.

"Você... você nos assustou", disse Josh com raiva, apontando a lanterna de volta para nossos pés.

"Desculpe", disse Ray, "eu teria gritado, mas não tinha certeza se era você".

"Josh tem uma ideia maluca sobre onde Petey pode estar", eu disse a ele, ainda lutando para recuperar o fôlego. "É por isso que estamos aqui."

"E você?" Josh perguntou a Ray.

"Bem, às vezes tenho dificuldade para dormir", disse Ray suavemente.

"Seus pais não se importam que você fique fora até tão tarde?" Perguntei.

À luz da lanterna, pude ver um sorriso malicioso em seu rosto. "Eles não sabem."

"Vamos ao cemitério ou não?" Josh perguntou impacientemente. Sem esperar por uma resposta, ele começou a correr estrada acima, a luz balançando na calçada à sua frente. Virei-me e segui-o, querendo ficar perto da luz.

"Onde você está indo?" Ray chamou, correndo para alcançá-lo.

"O cemitério", respondi.

"Não", disse Ray. "Você não está."

Sua voz era tão baixa, tão ameaçadora, que parei. "O que?"

"Você não vai por aí", repetiu Ray. Eu não conseguia ver o rosto dele. Estava escondido na escuridão. Mas suas palavras soaram ameaçadoras.

"Pressa!" Josh ligou de volta para nós. Ele não diminuiu a velocidade. Ele não pareceu notar a ameaça nas palavras de Ray.

"Pare, Josh!" Ray ligou. Parecia mais uma ordem do que um pedido. "Você não pode ir lá!"

"Por que não?" — exigi, de repente com medo. Ray estava ameaçando Josh e eu? Ele sabia de algo que nós não sabíamos? Ou eu estava fazendo alarde do nada mais uma vez?

Olhei para a escuridão, tentando ver seu rosto.

"Você seria louco se fosse lá à noite!" ele declarou.

Comecei a pensar que o havia julgado mal. Ele estava com medo de ir para lá. É por isso que ele estava tentando nos impedir.

"Você está vindo ou não?" Josh exigiu, ficando cada vez mais à nossa frente.

"Acho que não deveríamos", alertou Ray.

Sim, ele está com medo, decidi. Eu apenas imaginei que ele estava nos ameaçando.

"Você não precisa. Mas *nós* temos — insistiu Josh, aumentando a velocidade.

"Não. Sério", disse Ray. "Esta é uma má ideia." Mas agora ele e eu estávamos correndo lado a lado ao lado para alcançar Josh.

"Petey está aí", disse Josh, "eu sei que ele está".

Passamos pela escola escura e silenciosa. Parecia muito maior à noite. A luz de Josh passou pelos galhos baixos das árvores quando viramos a esquina na Cemetery Drive.

"Espere, por favor", implorou Ray. Mas Josh não diminuiu a velocidade. Nem eu. Eu estava ansioso para chegar lá e acabar logo com isso.

Limpei minha testa com a manga. O ar estava quente e parado. Eu gostaria de não ter mangas compridas usadas. Eu senti meu cabelo. Estava pingando.

As nuvens ainda cobriam a lua quando chegamos ao cemitério. Passamos por um portão no muro baixo. Na escuridão, pude ver as fileiras tortas de lápides.

A luz de Josh viajou de pedra em pedra, saltando para cima e para baixo enquanto ele caminhava. "Petey!" ele chamou de repente, interrompendo o silêncio.

Ele está perturbando o sono dos mortos, pensei, sentindo um súbito arrepio de medo.

Não seja boba, Amanda. "Petey!" Liguei também, afastando meus pensamentos mórbidos.

"Esta é uma péssima ideia", disse Ray, parando bem perto de mim.

"Petey! Petey!" Josh ligou.

"Eu sei que é uma má ideia", admiti para Ray. "Mas eu não queria que Josh viesse aqui sozinho."

"Mas não deveríamos *estar aqui*", insistiu Ray.

Eu estava começando a desejar que ele fosse embora. Ninguém o forçou a vir. Por que ele estava nos dificultando tanto?

"Ei, olhe isso!" Josh gritou vários metros à frente.

Meus tênis rangendo no chão macio, corri entre as fileiras de túmulos. Eu não tinha percebido que já havíamos caminhado por toda a extensão do cemitério.

"Olha", Josh disse novamente, sua lanterna iluminando uma estranha estrutura construída na beira do cemitério.

Demorei um pouco para descobrir o que havia no pequeno círculo de luz. Foi tão inesperado. Era uma espécie de teatro. Um anfiteatro, acho que você chamaria assim, fileiras circulares de assentos escavados no chão, descendo como escadas até uma plataforma baixa em forma de palco na parte inferior.

"O que na Terra!" exclamei.

Avancei para ver mais de perto.

"Amanda, espere. Vamos para casa", chamou Ray. Ele agarrou meu braço, mas eu saí correndo e peguei apenas ar.

"Esquisito! Quem construiria um teatro ao ar livre à beira de um cemitério?" Perguntei.

Olhei para trás para ver se Josh e Ray estavam me seguindo e meu tênis bateu em alguma coisa. Tropecei no chão, batendo com força no joelho.

"Ai. O que é que foi isso?"

Josh iluminou-o enquanto eu me levantava lenta e dolorosamente. eu tinha tropeçado sobre uma enorme raiz de árvore erguida.

Sob a luz bruxuleante, segui a raiz retorcida até uma árvore larga e velha, a vários metros de distância. A enorme árvore estava curvada sobre o estranho teatro subterrâneo, inclinada em um ângulo tão baixo que parecia prestes a tombar a qualquer momento. Grandes aglomerados de raízes foram levantados do chão. Acima, os galhos da árvore, carregados de folhas, pareciam inclinar-se para o chão.

"Timberrrr!" Josh gritou.

"Que estranho!" exclamei. "Ei, Ray, que lugar é esse?"

"É um ponto de encontro", disse Ray calmamente, parando ao meu lado, olhando diretamente para a árvore inclinada. "Eles usam isso como uma espécie de prefeitura. Eles têm reuniões municipais aqui.

"No cemitério?" Eu chorei, achando difícil de acreditar.

"Vamos", insistiu Ray, parecendo muito nervoso.

Nós três ouvimos os passos. Eles estavam atrás de nós, em algum lugar entre as fileiras de túmulos. Nós nos viramos. A luz de Josh varreu o chão.

"Petey!"

Lá estava ele, parado entre a fileira mais próxima de lápides baixas de pedra. EU virou-se alegremente para Josh. "Eu não acredito!" Chorei. "Você estava certo!"

"Petey! Petey!" Josh e eu começamos a correr em direção ao nosso cachorro.

Mas Petey arqueou-se sobre as patas traseiras, como se estivesse se preparando para fugir. Ele olhou para nós, os olhos vermelhos como joias à luz da lanterna.

"Petey! Nós encontramos você!" Chorei.

O cachorro abaixou a cabeça e começou a trotar.

"Petey! Ei, volte! Você não nos reconhece?"

Com uma explosão de velocidade, Josh o alcançou e o levantou do chão. "Ei, Petey, qual é o problema, cara?"

Enquanto eu corria, Josh deixou Petey cair de volta no chão e recuou.

"Ooh, ele fede!"

"O que?" Chorei.

"Petey... ele fede. Ele cheira como um rato morto!" Josh segurou o nariz.

Petey começou a se afastar lentamente.

"Josh, ele não está feliz em nos ver", lamentei. "Ele nem parece nos reconhecer. Olhe para ele!"

Era verdade. Petey caminhou até a próxima fileira de lápides, depois se virou e olhou para nós.

De repente me senti mal. O que aconteceu com Petey? Por que ele estava agindo tão diferentemente? Por que ele não ficou feliz em nos ver?

"Não entendi", disse Josh, ainda fazendo uma careta por causa do odor que o cachorro exalava.

"Normalmente, se sairmos da sala por trinta segundos, ele enlouquece quando voltamos."

"É melhor irmos!" Ray ligou. Ele ainda estava na beira do cemitério, perto da árvore inclinada.

"Petey, o que há de errado com você?" Chamei o cachorro. Ele não respondeu. "Não você lembra do seu nome? Petey? Petey?"

"Que nojo! Que fedor! Exclamou Josh.

“Temos que levá-lo para casa e dar-lhe banho”, eu disse. Minha voz estava tremendo.
Fiquei muito triste. E assustado.

“Talvez este não seja Petey”, disse Josh, pensativo. Os olhos do cachorro novamente ficaram vermelhos sob o feixe de luz.

“É ele, tudo bem”, eu disse calmamente. “Olhar. Ele está arrastando a coleira. Vá buscá-lo, Josh... e vamos para casa.

“Você o pega!” Josh chorou. “Ele cheira muito mal!”

“Apenas pegue a coleira dele. Você não precisa buscá-lo”, eu disse.

“Não. Você.”

Josh estava sendo teimoso novamente. Pude ver que não tinha escolha. “Tudo bem”, eu disse.
“Eu irei pegar ele. Mas vou precisar de luz. Peguei a lanterna da mão de Josh e comecei a correr em direção a Petey.

“Sente-se, Petey. Sentar!” Eu pedi. Foi o único comando que Petey obedeceu.

Mas ele não obedeceu desta vez. Em vez disso, ele se virou e saiu trotando, mantendo a cabeça baixa.

“Petey, pare! Petey, vamos ! Eu gritei, exasperado. “Não me faça perseguir você.”

“Não deixe ele fugir!” Josh gritou, correndo atrás de mim.

Movi a lanterna de um lado para o outro ao longo do chão. “Onde ele está?”

“Petey! Petey!” Josh chamou, parecendo estridente e desesperado.
Eu não conseguia vê-lo.

“Oh não. Não me diga que o perdemos de novo!” Eu disse.

Nós dois começamos a ligar para ele. “O que há *de errado* com aquele vira-lata?” Chorei.

Movi o feixe de luz por uma longa fileira de lápides e depois, movendo-me rapidamente, no próximo. Nenhum sinal dele. Nós dois continuamos chamando seu nome.

E então o círculo de luz parou na frente de uma lápide de granito.

Lendo o nome na pedra, parei.

E engasgou.

“Josh, olhe!” Agarrei a manga de Josh. Eu segurei firme.

“Huh? O que está errado?” Seu rosto se encheu de confusão.

“Olhar! O nome na lápide.

Era Karen Somerset.

Josh leu o nome. Ele olhou para mim, ainda confuso.

“Essa é minha nova amiga Karen. Aquele com quem converso no parquinho todos os dias”, eu disse.

“Huh? Deve ser a avó dela ou algo assim”, disse Josh, e depois acrescentou impacientemente: “Vamos. Procure Petey.

“Não. Veja as datas”, eu disse a ele.

Nós dois lemos as datas em nome de Karen Somerset. 1960-1972.

“Não pode ser a mãe ou a avó dela”, eu disse, mantendo o feixe de luz na pedra, apesar da minha mão trêmula. “Essa garota morreu quando tinha doze anos. Minha idade. E Karen também tem doze anos. Ela me disse.”

“Amanda...” Josh fez uma careta e desviou o olhar.

Mas dei alguns passos e direcionei a luz para a lápide seguinte. Havia um nome nele que eu nunca tinha ouvido antes. Passei para a próxima pedra. Outro nome que eu nunca tinha ouvido.

“Amanda, vamos!” Josh choramingou.

A próxima lápide tinha o nome George Carpenter. 1975-1988.

“Josh, olhe! É George, do parquinho”, gritei.

“Amanda, precisamos pegar Petey”, ele insistiu.

Mas não consegui me afastar das lápides. Eu fui de um para o em seguida, movendo a lanterna sobre as letras gravadas.

Para meu crescente horror, encontrei Jerry Franklin. E então Bill Gregory.

Todas as crianças com quem jogamos softball. Todos eles tinham lápides aqui.

Com o coração batendo forte, desci a fileira torta, meus tênis afundando na grama macia. Eu me senti entorpecido, entorpecido de medo. Lutei para manter a luz firme enquanto a direcionava para a última pedra da fileira.

RAY THURSTON. 1977-1988.

"Huh?"

Eu podia ouvir Josh me chamando, mas não conseguia entender o que ele estava dizendo.

O resto do mundo parecia desaparecer. Li novamente a inscrição profundamente gravada: RAY

THURSTON. 1977-1988.

Fiquei ali, olhando para as letras e os números. Eu olhei para eles até que eles não o fizeram faziam mais sentido, até que se tornassem apenas um borrão cinza.

De repente, percebi que Ray havia se aproximado da lápide e estava olhando em mim.

“Ray...” consegui dizer, movendo a luz sobre o nome na pedra. “Ray, este aqui é... *você!*”

Seus olhos brilharam, brilhando como brasas moribundas.

“Sim, sou eu”, ele disse suavemente, movendo-se em minha direção. “Sinto muito, Amanda.”

13

Dei um passo para trás, meus tênis afundando no chão macio. O ar estava pesado e parado. Ninguém fez nenhum som. Nada se mexeu.

Morto.

Estou cercado pela morte, pensei.

Então, congelado no lugar, incapaz de respirar, a escuridão girando ao meu redor, as lápides girando em suas próprias sombras negras, pensei: O que ele vai fazer comigo?

"Ray..." eu consegui gritar. Minha voz parecia fraca e distante. "Ray, você está realmente morto?"

"Desculpe. Você não deveria descobrir ainda — ele disse, sua voz flutuando baixa e pesada no ar sufocante da noite.

"Mas como? Quer dizer... eu não entendo..." Olhei além dele para a luz branca da lanterna. Josh estava a várias fileiras de distância, quase na rua, ainda procurando por Petey.

"Petey!" Eu sussurrei, o medo sufocando minha garganta, meu estômago apertando de horror.

"Os cães sempre sabem", disse Ray em um tom baixo e monótono. "Os cães sempre reconhecem os mortos-vivos. É por isso que eles têm que ir primeiro. Eles sempre sabem.

"Você quer dizer... Petey está... morto?" Eu sufoquei as palavras.

Ray assentiu. "Eles matam os cães primeiro."

"Não!" Gritei e dei outro passo para trás, quase perdendo o equilíbrio ao esbarrar em uma lápide baixa de mármore. Eu pulei para longe disso.

"Você não deveria ter visto isso", disse Ray, seu rosto estreito e inexpressivo, exceto pelos olhos escuros, que revelavam verdadeira tristeza. "Você não deveria saber. Pelo menos daqui a algumas semanas. Eu sou o observador. Eu deveria assistir, para ter certeza de que você não veria até chegar a hora.

Ele deu um passo em minha direção, seus olhos brilhando em vermelho, queimando nos meus.

"Você estava me observando da janela?" Chorei. "Era você no meu quarto?"

Novamente ele assentiu que sim. "Eu morava na sua casa", disse ele, dando mais um passo mais perto, me forçando a recuar contra a fria pedra de mármore. "Eu sou o observador."

Obriguei-me a desviar o olhar, a parar de encarar seus olhos brilhantes. Eu queria gritar para Josh correr e buscar ajuda. Mas ele estava muito longe. E eu estava congelado ali, congelado de medo.

"Precisamos de sangue fresco", disse Ray.

"O que?" Chorei. "O que você está dizendo?"

"A cidade — ela não pode sobreviver sem sangue fresco. Nenhum de nós pode. Você entenderá logo, Amanda. Você entenderá por que tivemos que convidá-lo para a casa, para a... Casa dos Mortos.

Sob o feixe de luz em ziguezague e rápido, pude ver Josh se aproximando, vindo em nossa direção.

Corra, Josh, pensei. Fugir. Rápido. Arranje alguém. Pegue *qualquer um*.

Eu poderia pensar nas palavras. Por que eu não pude gritar com eles?

Os olhos de Ray brilharam ainda mais. Ele estava bem na minha frente agora, seu conjunto de recursos, duro e frio.

"Raio?" Mesmo através do meu jeans, a lápide de mármore estava fria contra a parte de trás das minhas pernas.

"Eu errei", ele sussurrou. "Eu era o observador. Mas eu errei."

"Ray, o que você vai fazer?"

Seus olhos vermelhos piscaram. "Eu realmente sinto muito."

Ele começou a se levantar do chão, a flutuar sobre mim.

Eu podia sentir que estava começando a engasgar. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia me mover. eu abri minha boca para chamar Josh, mas nenhum som saiu.

Josué? Onde ele estava?

Olhei para as fileiras de lápides, mas não consegui ver sua luz.

Ray flutuou um pouco mais alto. Ele pairou sobre mim, me sufocando de alguma forma, me cegando, me sufocando.

Estou morto, pensei. Morto.

Agora também estou morto.

14

E então, de repente, a luz rompeu a escuridão.

A luz brilhou no rosto de Ray, a luz halógena branca e brilhante.

"O que está acontecendo?" Josh perguntou, com uma voz estridente e nervosa. "Amanda... o que está acontecendo?"

Ray gritou e caiu de volta no chão. "Desligue isso! Desligue isso!" ele — guinchou, sua voz era um sussurro estridente, como o vento através de uma vidraça quebrada.

Mas Josh direcionou o feixe de luz brilhante para Ray. "O que está acontecendo? O que você está fazendo?"

Eu poderia respirar novamente. Enquanto olhava para a luz, lutei para impedir que meu coração batesse tão forte.

Ray moveu os braços para se proteger da luz. Mas eu podia ver o que estava acontecendo com ele. A luz já havia causado seu dano.

A pele de Ray parecia estar derretendo. Todo o seu rosto cedeu e depois caiu, deixando cair o crânio.

Olhei para o círculo de luz branca, incapaz de desviar o olhar, enquanto a pele de Ray se dobrava, caía e derretia. Quando o osso por baixo foi revelado, seus globos oculares rolaram para fora das órbitas e caíram silenciosamente no chão.

Josh, paralisado de horror, de alguma forma manteve a luz brilhante firme, e nós dois olhamos para o crânio sorridente, suas crateras escuras olhando para nós.

"Oh!" Gritei quando Ray deu um passo em minha direção.

Mas então percebi que Ray não estava andando. Ele estava caindo.

Eu pulei para o lado quando ele caiu no chão. E engasgou quando seu crânio bateu no topo da lápide de mármore e se abriu com um *barulho nauseante*.

"Vamos!" Josh gritou. "Amanda, vamos lá!" Ele agarrou minha mão e tentou me afastar.

Mas eu não conseguia parar de olhar para Ray, agora uma pilha de ossos dentro de uma poça de roupas amassadas.

"Amanda, vamos!"

Então, antes mesmo de perceber, já estava correndo, correndo ao lado de Josh o mais rápido que pude pela longa fileira de túmulos em direção à rua. A luz brilhou contra o borrão das lápides enquanto corríamos, escorregando na grama macia e coberta de orvalho, ofegando no ar quente e parado.

"Temos que contar para mamãe e papai. Tenho que sair *daqui* ! Chorei.

"Eles... eles não vão acreditar!" Josh disse, quando chegamos à rua. Continuamos correndo, nossos tênis batendo forte na calçada. "Não tenho certeza se acredito nisso!"

“Eles têm *que* acreditar em nós!” Eu disse a ele. “Se não o fizerem, vamos *arrastá* -los para fora daquela casa.”

O feixe de luz branca apontava o caminho enquanto corríamos pelas ruas escuras e silenciosas. Não havia iluminação pública, nem luzes acesas nas janelas das casas por onde passávamos, nem faróis de carros.

Em um mundo tão sombrio em que havíamos entrado.

E agora era hora de sair.

Corremos o resto do caminho para casa. Fiquei olhando para trás para ver se estávamos seguidos. Mas não vi ninguém. O bairro estava silencioso e vazio.

Senti uma dor aguda na lateral do corpo quando chegamos em casa. Mas me forcei a continuar correndo, subindo a entrada de cascalho com seu grosso manto de folhas mortas e chegando à varanda da frente.

Empurrei a porta e Josh e eu começamos a gritar. “Mãe! Pai! Onde você está?”

Silêncio.

Corremos para a sala. As luzes estavam todas apagadas.

“Mãe? Pai? Você está aqui?”

Por favor, esteja aqui, pensei, com o coração disparado, a dor na lateral do corpo ainda aguda. Por favor, esteja aqui.

Revistamos a casa. Eles não estavam em casa.

“A festa festiva”, Josh lembrou de repente. “Eles ainda podem estar naquela festa?”

Estávamos parados na sala, ambos respirando com dificuldade. A dor na minha lateral diminuiu um pouco. Eu tinha acendido todas as luzes, mas a sala ainda parecia sombria e ameaçadora.

Olhei para o relógio sobre a lareira. Quase duas da manhã.

“Eles já deveriam estar em casa”, eu disse, minha voz trêmula e fraca.

“Para onde eles foram? Eles deixaram um número? Josh já estava a caminho da cozinha.

Eu o segui, acendendo as luzes enquanto avançávamos. Fomos direto para o bloco de notas no balcão onde mamãe e papai sempre nos deixam bilhetes.

Nada. O bloco estava em branco.

“Temos *que* encontrá-los!” Josh chorou. Ele parecia muito assustado. Seus olhos arregalados refletia seu medo. “Temos que sair daqui.”

E se algo aconteceu com eles?

Foi o que comecei a dizer. Mas eu me contive bem a tempo. eu não queria assustar Josh mais do que já estava.

Além disso, ele provavelmente também pensou nisso.

“Devemos chamar a polícia?” ele perguntou, enquanto caminhávamos de volta para a sala e espiávamos pela janela da frente a escuridão.

“Não sei”, respondi, pressionando minha testa quente contra o vidro frio. “Eu simplesmente não sei o que fazer. Eu quero que eles estejam em casa. Quero-os aqui para que todos possamos ir embora.

“Qual é a sua pressa?” a voz de uma garota disse atrás de mim.

Josh e eu gritamos e nos viramos.

Karen Somerset estava parada no centro da sala, com os braços cruzados sobre o peito.

“Mas... você está *morto!*” Eu deixei escapar.

Ela sorriu, um sorriso triste, um sorriso amargo.

E então mais duas crianças apareceram no corredor. Um deles apagou as luzes. “Muito claro aqui”, disse ele. Eles se mudaram para o lado de Karen.

E outro garoto, Jerry Franklin — outro garoto morto — apareceu perto da lareira.

E vi a garota de cabelo preto curto, aquela que eu tinha visto na escada, se movimentar ao meu lado perto das cortinas.

Eles estavam todos sorrindo, seus olhos brilhando fracamente na penumbra, todos se aproximando de Josh e de mim.

"O que você *quer!*" Gritei com uma voz que nem reconheci. "O que você vai fazer?"

“Morávamos na sua casa”, disse Karen suavemente.

"Huh?" Chorei.

“Nós morávamos na sua casa”, disse George.

“E agora, adivinhe?” Jerry acrescentou. “*Agora estamos mortos na sua casa!*”

Os outros começaram a rir, gargalhadas secas e crepitantes, enquanto todos se aproximavam de Josh e de mim.

15

“Eles vão nos matar!” Josh chorou.

Eu os observei avançar em silêncio. Josh e eu recuamos até a janela. Olhei ao redor do quarto escuro em busca de uma rota de fuga.

Mas não havia para onde correr.

“Karen, você parecia tão legal”, eu disse. As palavras simplesmente saíram. eu não tinha pensei antes de dizê-las.

Seus olhos brilharam um pouco mais. “Eu *fui* legal”, ela disse em um tom triste e monótono, “até que me mudei para cá.”

“Fomos todos legais”, disse George Carpenter no mesmo tom baixo e monótono. “Mas agora estamos mortos.”

"Vamos!" Josh gritou, levantando as mãos na frente dele como se quisesse se proteger.

“Por favor, deixe-nos ir.”

Eles riram de novo, uma risada seca e rouca. Risadas mortas.

“Não tenha medo, Amanda”, disse Karen. “Em breve você estará conosco. É por isso que eles convidaram você para esta casa.”

"Huh? Eu não entendo,” eu chorei, minha voz tremendo.

“Esta é a Casa dos Mortos. É aqui que todos moram quando chegam pela primeira vez Cachoeira Negra. Quando eles ainda estão vivos.”

Isso pareceu parecer engraçado aos outros. Todos eles riram e riram.

“Mas nosso tio-avô...” Josh começou.

Karen balançou a cabeça, os olhos brilhando de diversão. "Não. Desculpe, Josh. Nenhum tio-avô. Foi apenas um truque para trazer você aqui. Uma vez por ano, alguém novo tem que se mudar para cá. Outros anos, éramos nós. Moramos nesta casa – até morrermos. Este ano é a sua vez.”

“Precisamos de sangue novo”, disse Jerry Franklin, com os olhos brilhando vermelhos na penumbra. “Uma vez por ano, você vê, precisamos de sangue novo.”

Avançando em silêncio, eles pairaram sobre Josh e eu.

Eu respirei fundo. Um último suspiro, talvez. E fechei os olhos.

E então ouvi a batida na porta.

Uma batida forte, repetida várias vezes.

Eu abri meus olhos. Todas as crianças fantasmagóricas desapareceram.

O ar tinha um cheiro azedo.

Josh e eu nos entreolhamos, atordoados, quando as batidas fortes começaram novamente.

“São mamãe e papai!” Josh chorou.

Nós dois corremos para a porta. Josh tropeçou na mesa de centro no escuro, então cheguei primeiro à porta.

"Mãe! Pai!" Eu chorei, abrindo a porta. "Onde você esteve?"

Estendi os braços para abraçar os dois – e parei com os braços no ar.
Minha boca se abriu e soltei um grito silencioso.

"Senhor. Nossa! Josh exclamou, vindo ao meu lado. "Nós pensamos-"

"Oh, Sr. Dawes, estou tão feliz em vê-lo!" Eu chorei feliz, abrindo a porta de tela para ele.

"Crianças, vocês estão bem?" ele perguntou, olhando para nós dois, seu belo rosto tenso preocupar. "Oh! Graças a deus!" ele chorou. "Cheguei a tempo!"

"Senhor. Dawes... — comecei, sentindo-me tão aliviado que tive lágrimas nos olhos. "EU-"

Ele agarrou meu braço. "Não há tempo para conversar", disse ele, olhando para a rua atrás de si. Eu podia ver o carro dele na garagem. O motor estava funcionando. Apenas as luzes de estacionamento estavam acesas. "Tenho que tirar vocês daqui enquanto ainda há tempo."

Josh e eu começamos a segui-lo, mas hesitamos.

E se o Sr. Dawes fosse um deles?

"Depressa", insistiu o Sr. Dawes, mantendo a porta de tela aberta, olhando nervosamente para fora. Na escuridão. "Acho que corremos um perigo terrível."

"Mas..." comecei, olhando em seus olhos assustados, tentando decidir se poderíamos confiar nele.

"Eu estava na festa com seus pais", disse o Sr. Dawes. "De repente, eles formaram um círculo. Todos. Perto de seus pais e de mim. Eles... eles começaram a se aproximar de nós.

Assim como quando as crianças começaram a se aproximar de Josh e de mim, pensei.

"Nós os atravessamos e corremos", disse Dawes, olhando para a entrada de automóveis atrás dele. "De alguma forma, nós três escapamos. Pressa. Todos nós temos que sair daqui ... *agora!*

"Josh, vamos", eu insisti. Então me virei para o Sr. Dawes. "Onde estão mamãe e papai?"

"Vamos. Eu vou te mostrar. Eles estão seguros por enquanto. Mas não sei por quanto tempo."

Nós o seguimos para fora de casa e descemos a garagem até seu carro. As nuvens havia se separado. Um pedaço de lua brilhava baixo no céu pálido do início da manhã.

"Há algo errado com toda esta cidade", disse o Sr. Dawes, segurando a porta do passageiro aberta para mim enquanto Josh subia no banco de trás.

Afundi-me agradecida no assento e ele bateu a porta. "Eu sei", eu disse, enquanto ele deslizava para trás do volante. "Josh e eu. Nós dois..."

"Temos que ir o mais longe que pudermos antes que eles nos alcancem", disse ele.

Dawes disse, recuando rapidamente, os pneus escorregando e cantando enquanto ele entrava na rua.

"Sim", concordei. "Graças a Deus você veio. Minha casa está cheia de crianças. Crianças mortas e..."

"Então você os viu", disse o Sr. Dawes suavemente, com os olhos arregalados de medo. Ele empurrei com mais força o pedal do acelerador.

Enquanto eu olhava para a escuridão roxa, um sol baixo e laranja começou a aparecer as copas verdes das árvores. "Onde estão nossos pais?" Eu perguntei ansiosamente.

"Há uma espécie de teatro ao ar livre próximo ao cemitério", disse Dawes, olhando diretamente para a frente pelo para-brisa, os olhos estreitos e a expressão tensa. "Isso é

construído bem no chão e escondido por uma grande árvore. Eu os deixei lá. Eu disse a eles para não se moverem. Acho que eles estarão seguros. Acho que ninguém pensará em olhar para lá.

“Nós vimos isso”, disse Josh. Uma luz brilhante acendeu de repente no banco de trás.

“O que é isso?” — perguntou o Sr. Dawes, olhando pelo espelho retrovisor.

“Minha lanterna”, respondeu Josh, desligando-a. “Eu trouxe apenas por precaução. Mas o sol nascerá em breve. Provavelmente não vou precisar disso.”

O Sr. Dawes pisou no freio e parou o carro no acostamento. Estávamos no beira do cemitério. Saí rapidamente do carro, ansioso para ver meus pais.

O céu ainda estava escuro, agora com listras violetas. O sol era um balão laranja escuro que mal aparecia por cima das árvores. Do outro lado da rua, além das fileiras irregulares de lápides, pude ver o contorno escuro da árvore inclinada que escondia o misterioso anfiteatro.

“Depressa”, insistiu o Sr. Dawes, fechando a porta do carro silenciosamente. “Tenho certeza de que seus pais estão desesperados para ver você.”

Atravessamos a rua, meio andando, meio correndo, Josh balançando a lanterna em uma das mãos.

De repente, na beira do gramado do cemitério, Josh parou. “Petey!” ele chorou.

Segui seu olhar e vi nosso terrier branco caminhando lentamente ao longo de uma encosta de lápides.

“Petey!” Josh gritou novamente e começou a correr em direção ao cachorro.

Meu coração afundou. Eu não tive a chance de contar a Josh o que Ray me revelou sobre Petey. “Não, Josh!” Liguei.

O Sr. Dawes parecia muito alarmado. “Não temos tempo. Temos que nos apressar”, ele me disse. Então ele começou a gritar para Josh voltar.

“Vou buscá-lo”, eu disse, e saí correndo, correndo o mais rápido que pude ao longo das fileiras de túmulos, chamando meu irmão. “José! Josh, espere! Não! Não vá atrás dele! Josh... Petey está *morto!*

Josh estava se aproximando do cachorro, que caminhava lentamente, farejando o chão, sem olhar para cima, sem prestar atenção em Josh. Então, de repente, Josh tropeçou em uma lápide baixa.

Ele gritou ao cair, e a lanterna voou de sua mão e bateu contra uma lápide.

Eu rapidamente o alcancei. “Josh, você está bem?”

Ele estava deitado de bruços, olhando para frente.

“Josh, me responda. Você está bem?”

Agarrei-o pelos ombros e tentei puxá-lo para cima, mas ele continuou olhando para frente, com a boca aberta e os olhos arregalados.

“Josh?”

“Olha,” ele disse finalmente.

Dei um suspiro de alívio, sabendo que Josh não estava nocauteado ou algo assim.

“Olha”, ele repetiu, e apontou para a lápide em que tropeçou.

Eu me virei e semicerrei os olhos para o túmulo. Eu li a inscrição, murmurando silenciosamente as palavras enquanto lia:

COMPTON DAWES. Descanse em paz 1950-1980.

Minha cabeça começou a girar. Eu me senti tonto. Eu me equilibrei, segurando Josh.

COMPTON DAWES.

Não foi seu pai ou seu avô. Ele nos disse que era o único Compton de sua família.

Então o Sr. Dawes também estava morto.

Morto. Morto. Morto.

Morto como todos os outros.

Ele era um deles. Um dos mortos.

Josh e eu nos entreolhamos na escuridão roxa. Cercado. Cercado pelos mortos.

O que agora? Eu me perguntei.

O que agora?

16

“Levante-se, Josh,” eu disse, minha voz era um sussurro embargado. “Temos que sair daqui.”

Mas chegamos tarde demais.

Uma mão me agarrou firmemente pelo ombro.

Virei-me para ver o Sr. Dawes, estreitando os olhos enquanto lia a inscrição em sua própria lápide.

“Senhor. Dawes, você também! Eu chorei, tão decepcionado, tão confuso, tão... assustado.

“Eu também”, disse ele, quase com tristeza. “Todos nós.” Seus olhos queimaram nos meus. “Esta já foi uma cidade normal. E éramos pessoas normais. A maioria de nós trabalhava na fábrica de plásticos na periferia da cidade. Então houve um acidente. Algo escapou da fábrica. Um gás amarelo. Ele flutuou sobre a cidade. Tão rápido que não vimos... não percebemos. E então já era tarde demais e Dark Falls não era mais uma cidade normal. Estávamos todos mortos, Amanda. Morto e enterrado. Mas não podíamos descansar. Não conseguimos dormir. Dark Falls era uma cidade de mortos-vivos.”

“O que... o que você vai fazer conosco?” Eu consegui perguntar. Meus joelhos tremiam tanto que eu mal conseguia ficar de pé. Um homem morto estava apertando meu ombro. Um homem morto estava olhando fixamente nos meus olhos.

Estando tão perto, eu podia sentir o cheiro de seu hálito azedo. Virei a cabeça, mas o cheiro já sufoquei minhas narinas.

“Onde estão mamãe e papai?” Josh perguntou, levantando-se e ficando rígido à nossa frente, olhando acusadoramente para o Sr. Dawes.

“São e salvo”, disse o Sr. Dawes com um leve sorriso. “Venha comigo. Está na hora para você se juntar a eles.”

Tentei me afastar dele, mas sua mão estava presa em meu ombro. “Solte!” Eu gritei.

Seu sorriso se alargou. “Amanda, não faz mal morrer”, ele disse suavemente, quase suavemente. “Venha comigo.”

“Não!” Josh gritou. E com rapidez repentina, ele mergulhou no chão e pegou sua lanterna.

“Sim!” Chorei. “Ilumine-o, Josh!” A luz poderia nos salvar. A luz poderia derrotar o Sr. Dawes, assim como fez com Ray. A luz poderia destruí-lo. “Rápido, ilumine ele!” Eu implorei.

Josh se atrapalhou com a lanterna, apontou-a para o rosto assustado do Sr. Dawes e acendeu-a.

Nada.

Sem luz.

“Está... está quebrado”, disse Josh. “Acho que quando atingiu a lápide...”

Com o coração batendo forte, olhei para o Sr. Dawes. O sorriso em seu rosto era um sorriso de vitória.

17

“Boa tentativa”, disse o Sr. Dawes a Josh. O sorriso desapareceu rapidamente de seu rosto.

De perto, ele não parecia tão jovem e bonito. Pude ver que sua pele estava seca e descascando e caía solta sob os olhos.

“Vamos, crianças”, ele disse, me dando um empurrão. Ele olhou para o céu iluminado. O sol estava nascendo acima das copas das árvores.

Josh hesitou.

“Eu disse vamos embora”, o Sr. Dawes retrucou impacientemente. Ele afrouxou meu ombro e deu um passo ameaçador em direção a Josh.

Josh olhou para a lanterna inútil. Então ele puxou o braço para trás e apontou a lanterna para a cabeça do Sr. Dawes.

A lanterna atingiu o alvo com um *estalo nauseante*. Acertou o Sr. Dawes no centro da testa, abrindo um grande buraco na pele.

O Sr. Dawes soltou um grito baixo. Seus olhos se arregalaram de surpresa. Atordoados, ele alcançou um mão até o buraco por onde apareciam alguns centímetros de crânio cinza.

“Corra, Josh!” Chorei.

Mas não havia necessidade de dizer isso a ele. Ele já estava zigzagueando pelas fileiras de sepulturas, a cabeça baixa. Eu o segui, correndo o mais rápido que pude.

Olhando para trás, vi o Sr. Dawes cambalear atrás de nós, ainda segurando o testa. Ele deu vários passos e parou abruptamente, olhando para o céu.

É muito claro para ele, percebi. Ele tem que ficar na sombra.

Josh havia se escondido atrás de um alto monumento de mármore, antigo e ligeiramente inclinado, quebrou no meio. Deslizei ao lado dele, ofegante.

Apoiados no mármore frio, nós dois espiamos pelas laterais do monumento.

O Sr. Dawes, com uma carranca no rosto, estava voltando para o anfiteatro, mantendo-se nas sombras das árvores.

“Ele... ele não está nos perseguindo,” Josh sussurrou, seu peito arfando enquanto ele lutava para recuperar o fôlego e reprimir o medo. “Ele está voltando.”

“O sol está forte demais para ele”, eu disse, segurando a lateral do monumento.

“Ele deve ir buscar mamãe e papai.”

“Aquela lanterna estúpida”, Josh gritou.

“Não importa”, eu disse, observando o Sr. Dawes até ele desaparecer atrás da grande árvore inclinada. “O que nós vamos fazer agora? Não sei-”

“Shhh. Olhar!” Josh me cutucou com força no ombro e apontou. “Quem é aquele?”

Segui seu olhar e vi várias figuras escuras correndo pelas fileiras de lápides. Eles pareciam ter surgido do nada.

Eles surgiram das sepulturas?

Caminhando rapidamente, parecendo flutuar sobre o terreno verde e inclinado, eles se dirigiram para as sombras. Todos caminhavam em silêncio, com os olhos voltados para a frente. Eles não pararam para se cumprimentar. Eles caminharam com determinação em direção ao anfiteatro oculto, como se estivessem sendo atraídos para lá, como se fossem marionetes sendo puxados por cordas ocultas.

"Uau. Olhe para todos eles! Josh sussurrou, abaixando a cabeça para trás do monumento de mármore.

As formas escuras e móveis faziam ondular todas as sombras. Parecia que as árvores, as lápides, todo o cemitério tinham ganhado vida, tinham ido em direção aos assentos escondidos do anfiteatro.

"Lá vai Karen", sussurrei, apontando. "E Jorge. E todo o resto deles.

As crianças da nossa casa moviam-se rapidamente em grupos de dois ou três, seguindo as outras sombras, tão silenciosas e profissionais quanto todos os outros.

Todos estavam aqui, exceto Ray, pensei.

Porque matamos Ray.

Matamos alguém que já estava morto.

"Você acha que mamãe e papai estão realmente naquele teatro estranho?" Josh perguntou: interrompendo meus pensamentos mórbidos, seus olhos nas sombras em movimento.

"Vamos," eu disse, pegando a mão de Josh e puxando-o para longe do monumento.

"Temos que descobrir."

Vimos a última das figuras escuras passar flutuando pela enorme árvore inclinada. As sombras pararam de se mover. O cemitério estava quieto e silencioso. Um corvo solitário flutuava bem alto, no céu azul claro e sem nuvens.

Lentamente, Josh e eu seguimos em direção ao anfiteatro, nos escondendo atrás lápides, mantendo-se rente ao chão.

Foi uma luta se mover. Eu me sentia como se pesasse quinhentos quilos. O peso do meu medo, eu acho.

Eu estava desesperado para ver se mamãe e papai estavam lá.

Mas, ao mesmo tempo, eu não queria ver.

Eu não queria vê-los sendo mantidos prisioneiros pelo Sr. Dawes e pelos outros.

Eu não queria vê-los... mortos.

O pensamento me fez parar. Estendi um braço e parei Josh.

Estávamos atrás da árvore inclinada, escondida por seu enorme aglomerado de raízes erguidas. Além da árvore, no teatro, pude ouvir o murmúrio baixo de vozes.

"Mamãe e papai estão aí?" Josh sussurrou. Ele começou a mexer a cabeça na lateral do tronco torto da árvore, mas eu o puxei de volta com cautela.

"Tenha cuidado," eu sussurrei. "Não deixe que eles vejam você. Eles estão praticamente bem abaixo de nós."

"Mas preciso *saber* se mamãe e papai estão realmente aqui", ele sussurrou, com os olhos assustados, suplicantes.

"Eu também", concordei.

Nós dois nos inclinamos sobre o enorme tronco. A casca parecia macia sob minhas mãos enquanto eu olhava para as sombras profundas projetadas pela árvore.

E então eu os vi.

Mamãe e papai. Eles estavam amarrados, costas com costas, parados no centro do chão, na parte inferior do anfiteatro, na frente de todos.

Eles pareciam tão desconfortáveis, tão aterrorizados. Seus braços estavam amarrados firmemente ao lado do corpo. O rosto do papai estava vermelho brilhante. O cabelo da mamãe estava todo bagunçado, caindo descontroladamente sobre a testa, a cabeça baixa.

Apertando os olhos para a escuridão projetada pela árvore, vi o Sr. Dawes parado ao lado deles junto com outro homem mais velho. E vi que as fileiras de longos bancos enterrados no chão estavam cheias de gente. Nem um único espaço vazio.

Todos na cidade devem estar aqui, percebi.

Todos, exceto Josh e eu.

"Eles vão matar mamãe e papai," Josh sussurrou, agarrando meu braço, apertando-o com medo. "Eles vão fazer com que mamãe e papai gostem deles."

"Então eles virão atrás de nós", eu disse, pensando em voz alta, olhando através das sombras para meus pobres pais. Ambos estavam com as cabeças inclinadas agora enquanto estavam diante da multidão silenciosa. Ambos estavam aguardando seus destinos.

"O que nós vamos fazer?" Josh sussurrou.

"Huh?" Eu estava olhando tanto para mamãe e papai que acho que momentaneamente fiquei em branco. fora.

"O que nós vamos fazer?" Josh repetiu com urgência, ainda segurando desesperadamente meu braço. "Não podemos simplesmente ficar aqui e..."

De repente eu sabia o que íamos fazer.

Simplesmente veio até mim. Eu nem precisei pensar muito.

"Talvez possamos salvá-los", sussurrei, me afastando da árvore. "Talvez possamos *fazer* alguma coisa."

Josh soltou meu braço. Ele olhou para mim ansiosamente.

"Vamos derrubar esta árvore", sussurrei com tanta confiança que me surpreendi. "Vamos empurrar a árvore para que a luz do sol preencha o anfiteatro."

"Sim!" Josh chorou imediatamente. "Olhe para esta árvore. Já está praticamente caído.

Nós podemos fazer isso!"

Eu *sabia* que poderíamos fazer isso. Não sei de onde veio minha confiança. Mas eu *sabia* que poderíamos fazer isso.

E eu sabia que tínhamos que fazer isso rápido.

Olhando novamente por cima do baú, lutando para enxergar através das sombras, pude ver que todos no teatro haviam se levantado. Todos estavam começando a avançar, em direção à mamãe e ao papai.

"Vamos, Josh," eu sussurrei. "Vamos dar um salto com corrida e empurrar a árvore. Vamos!"

Sem outra palavra, nós dois demos vários passos para trás.

Bastava dar um empurrão forte e forte no tronco e a árvore tombaria sobre. Afinal, as raízes já estavam quase totalmente levantadas do solo.

Um empurrão forte. Isso é tudo o que seria necessário. E a luz do sol entraria no teatro. Luz solar linda e dourada. Luz solar brilhante e brilhante.

Todas as pessoas mortas desmoronariam.

E mamãe e papai seriam salvos.

Todos nós quatro seríamos salvos.

"Vamos, Josh," eu sussurrei. "Preparar?"

Ele assentiu, o rosto solene e os olhos assustados.

"OK. Vamos !" Chorei.

Nós dois corremos para frente, enterrando nossos tênis no chão, nos movendo tão rápido quanto poderíamos, nossos braços estendidos e prontos.

Num segundo, batemos no tronco da árvore e empurrámos com toda a força, empurrando-o com as mãos e depois encostando os ombros nele, empurrando... empurrando... empurrando...

Não se mexeu.

18

"Empurrar!" Chorei. "Empurre de novo!"

Josh soltou um suspiro exasperado e derrotado. "Não posso, Amanda. Não consigo movê-lo.

"Josh..." Eu olhei para ele.

Ele recuou para tentar novamente.

Abaixo, eu podia ouvir vozes assustadas, vozes raivosas.

"Rápido!" Eu gritei. *"Empurrar!"*

Nós nos lançamos contra o tronco da árvore com os ombros, ambos grunhindo com o esforço, nossos músculos tensos, nossos rostos vermelhos.

"Empurrar! Continue empurrando!"

As veias das minhas têmporas pareciam prestes a estourar.

A árvore estava se movendo?

Não.

Cedeu um pouco, mas se recuperou.

As vozes lá de baixo estavam ficando mais altas.

"Não podemos fazer isso!" Eu chorei, tão decepcionado, tão frustrado, tão apavorado. "Não podemos movê-lo!"

Derrotado, caí no tronco da árvore e comecei a enterrar o rosto nas mãos.

Eu me afastei com um suspiro quando ouvi o som suave de um estalo. O som estridente ficou mais alto até se tornar um estrondo e depois um rugido. Parecia que o chão estava se despedaçando.

A velha árvore caiu rapidamente. Não demorou muito para cair. Mas bateu com um trovão acidente que parecia sacudir o chão.

Agarrei Josh e nós dois ficamos surpresos e incrédulos enquanto a luz do sol brilhava. derramado no anfiteatro.

Os gritos aumentaram instantaneamente. Gritos horrorizados. Gritos de raiva. Gritos frenéticos.

Os gritos transformaram-se em uivos. Uivos de dor, de agonia.

As pessoas no anfiteatro, os mortos-vivos apanhados pela luz dourada, começaram a trepar uns sobre os outros, gritando, puxando, subindo, empurrando, tentando abrir caminho até a sombra.

Mas era tarde demais.

A pele deles começou a cair dos ossos e, enquanto eu olhava boquiaberto, eles se transformaram em pó e se dissolveram no chão, com as roupas se desintegrando junto com eles.

Os gritos dolorosos continuaram a soar enquanto os corpos se desfaziam, a pele derretia, os ossos secos desabavam. Vi Karen Somerset cambaleando pelo chão. Eu vi seu cabelo cair no chão, revelando a caveira escura por baixo. Ela lançou

um olhar para mim, um olhar de saudade, um olhar de arrependimento. E então seus globos oculares rolaram para fora das órbitas, ela abriu a boca desdentada e gritou: "Obrigada, Amanda! Obrigado!" e desabou.

Josh e eu tapamos os ouvidos para calar os gritos horríveis. Nós dois desviamos o olhar, incapazes de continuar vendo a cidade inteira cair em agonia e virar pó, destruída pelo sol, o sol claro e quente.

Quando olhamos para trás, todos haviam desaparecido.

Mamãe e papai estavam exatamente onde estavam, amarrados costas com costas, suas expressões eram uma mistura de horror e descrença.

"Mãe! Pai!" Chorei.

Nunca esquecerei seus sorrisos enquanto Josh e eu corríamos para libertá-los.

Não demorou muito para que nossos pais nos fizessem as malas e providenciassem para que os transportadores nos levassem de volta ao nosso antigo bairro e à nossa antiga casa. "Afinal, acho que foi uma sorte não termos conseguido vender a casa antiga", disse papai, enquanto entrávamos ansiosamente no carro para partir.

Papai deu ré na entrada da garagem e começou a rugir.

"Parar!" Eu chorei de repente. Não sei por que, mas tive uma vontade repentina e poderosa de dê uma última olhada na velha casa.

Enquanto meus pais me chamavam confusos, abri a porta e corri de volta para a garagem. Parado no meio do quintal, olhei para a casa, silenciosa, vazia, ainda coberta por espessas camadas de sombras azul-acinzentadas.

Eu me peguei olhando para a velha casa como se estivesse hipnotizado. Não sei quanto tempo fiquei ali.

O barulho dos pneus na calçada de cascalho me tirou do feitiço. Assustado, eu virou-se e viu uma caminhonete vermelha estacionada na garagem.

Dois meninos mais ou menos da idade de Josh pularam da parte de trás. Seus pais os seguiram. Olhando para a casa, eles não pareceram me notar.

"Aqui estamos, crianças", disse a mãe, sorrindo para eles. "Nossa nova casa."

"Não parece novo. Parece velho", disse um dos meninos.

E então os olhos de seu irmão se arregalaram quando ele me notou. "Quem é *você*?" ele exigiu.

Os outros membros de sua família se viraram para me encarar.

"Oh. Eu... uh... Sua pergunta me pegou de surpresa. Eu podia ouvir meu pai buzinando impacientemente na rua. "Eu... uh... morava na sua casa", me peguei respondendo.

E então me virei e corri a toda velocidade até a rua.

Não era o Sr. Dawes parado na varanda, com a prancheta na mão? Eu me perguntei, tendo um vislumbre de uma figura escura enquanto corria para o carro.

Não, não poderia ser o Sr. Dawes esperando por eles, decidi.

Simplesmente não poderia ser.

Eu não olhei para trás. Bati a porta do carro atrás de mim e saímos em disparada.

**Digitalização, formatação e
revisão básica por Undead.**

